

***Relatório semanal de Conjuntura  
e Mercado Financeiro***

**(Período de 09/03/09 a 13/03/09)**

Esta semana tivemos uma boa dimensão da crise aqui no Brasil, além de uma boa perspectiva para 2009. Com uma agenda carregada de indicadores e eventos importantes para o País, o resultado do PIB do quarto trimestre e a decisão do Copom sobre a taxa de juros básica foram, sem dúvida, os grandes destaques da semana. Para completar, tivemos a pesquisa industrial de emprego e salário do mês de janeiro; o sinalizador da produção industrial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), bom indicador antecedente do dado oficial do IBGE; os resultados da produção de veículos em fevereiro pela Anfavea; a primeira prévia do IGP-M de março; o IPCA de fevereiro (o índice oficial de inflação); dados de emprego pela FIESP; e os números da balança comercial na primeira semana de março. Para fechar a semana, as vendas do comércio varejista no Brasil no mês de janeiro.

O PIB do quarto trimestre de 2008 foi sem dúvida o evento mais importante da semana que, junto com a trajetória de queda da inflação, levou a mais um corte da taxa de juros básica da economia, a Selic. O IBGE divulgou na terça-feira o resultado do PIB do quarto trimestre: deu retração de 3,6% na margem, maior recuo da série iniciada em 1996. Com isso, o ano fechou com crescimento de 5,1%, puxado pelo crescimento dos três primeiros trimestres. O resultado veio na parte pessimista das previsões dos economistas e significa que o carregamento estatístico para o ano de 2009 será negativo, ou seja, se o Brasil não crescer em 2009, a média do PIB deste ano será menor que a média de 2008. Na comparação com o mesmo trimestre de 2007, houve crescimento de 1,3%, também menor do que previa a maior parte do mercado, com crescimento entre 1,8% e 2%. O que mais puxou para baixo o PIB do quarto trimestre foi o investimento (ou formação bruta de capital fixo): ele caiu 9,8%, o maior recuo da série, e era justamente ele que vinha puxando o crescimento do país até o terceiro trimestre. O consumo, por exemplo, teve uma queda muito menor, de 2%. Com este resultado, o crescimento do PIB de 4% que o ministro da Fazenda, Guido Mantega, havia sugerido para este ano já foi descartado pelo próprio

ministro, aliás, taxa julgada otimista demais, sequer cogitada por outros economistas.

O otimismo é sem dúvida importante para um governo, fortalecendo a capacidade de o país superar o momento difícil, mas o erro foi fazer isso negando a crise por tempo demais afirmando que o País era invulnerável a ela. Admitir a crise é o primeiro passo mais importante, mas o governo agora não pode defender com sua propaganda a retomada de um investimento que não acontece com o PAC, principal vetor de defesa do governo frente aos resultados negativos que aparecem. Obras públicas, construção civil e compra de máquinas e equipamentos, pilares do PAC, deveriam representar um aumento do investimento, entretanto, o número que acabamos de mostrar para a queda do mesmo derruba a efetividade do PAC. A verdade é que, calculado como proporção do PIB, o investimento público está abaixo dos níveis históricos, apenas se recuperando da queda de 2003. O Governo tem feito muita propagando do PAC, mas o que vemos é que sua execução deixa a desejar.

Em relação à Selic, o corte em 1,5 ponto percentual, para 11,25% ao ano, sem viés, era esperado e já estava precificado pelo mercado, mas não deixou de ser alvo de muitas discussões. Muitos defendiam um corte maior pela diminuição da pressão inflacionária e pelo resultado pior do que o esperado de queda no PIB, mas o importante é que o Banco Central do Brasil (BACEN) mais uma vez mostrou independência e fez uma decisão técnica, não política. Ter um Banco Central que decida tecnicamente é ponto fundamental para a estabilidade econômica do país. Também não podemos achar que os juros são a salvação para a crise, se fosse assim os vários países desenvolvidos, que estão com juros zero ou muito próximos disso, já estariam se recuperando, o que ainda não aconteceu. A incerteza é o principal fator de entrave do investimento hoje, não a taxa de juros alta. Exemplo bom disso é o fato dos grandes empresários conseguirem

juros subsidiados quando tomam empréstimo do BNDES, e mesmo assim não estão investindo.

É certo que, comparada com o resto do mundo, a taxa de juros brasileira é muito alta. Quando olhamos para nossa história, porém, ela está em um nível bem baixo. O problema é que quando olhamos para a forte queda no nível de atividade, a taxa parece alta demais. O fato é que ter reduzido drasticamente a taxa nesta reunião, por pressão política ou intervenção direta da presidência, como acabamos de mostrar, não traria de volta o ritmo de crescimento do passado e poderia ser um incentivo totalmente artificial para a economia, que voltaria a tropeçar por ter sido puxada rápida demais.

A taxa continuará a cair nas próximas reuniões, só que defendo seria um encurtamento do espaço entre as reuniões do Copom: atualmente temos um espaçamento de 45 dias entre uma reunião e outra, adotado com a boa fase até o terceiro trimestre de 2008, mas com a gravidade do momento poderíamos voltar aos 30 dias regulamentares, estabelecidos na criação do Copom.

A grande verdade é que as economias estão cada vez mais ligadas, e não adianta olharmos para o Brasil como uma ilha isolada do mundo, precisamos ter consciência dos pontos fortes do País frente à crise, sem, com isso, desprezar nossas fragilidades. O reajuste do salário mínimo aqui no Brasil tem sido um forte argumento do Governo, que afirma que ocorrerá uma injeção de mais recursos na demanda privada, que o gasto do governo manteria algum ritmo de atividade e, ponto nosso mais forte, não houve aqui um colapso do crédito. Argumentos verdadeiros, entretanto, nos últimos anos, o governo brasileiro aumentou muito o gasto público com despesas que não podem ser reduzidas: como aumento de salários de funcionários públicos; fórmulas de ajuste do salário mínimo que impactam a Previdência; e a contratação de 200 mil novos servidores. Isto reduz a capacidade de ampliar os investimentos públicos para reduzir o impacto da crise. Para piorar, o colapso do comércio internacional está mais intenso do que

se imaginava: a exportação de veículos caiu 61%; a de madeira, 56%; a de material elétrico, 44%. O Brasil exporta commodities para países ricos em crise e produtos manufaturados, exceto aviões, para países como Venezuela, México, Argentina, África e para o Leste da Europa, todos em crise também.

O G-20 vai se reunir em Londres no início de abril para discutir a crise. Apesar de cada país ter que tomar suas próprias decisões para combater os efeitos da recessão mundial, está mais do que claro que sem coordenação entre os governos o mundo não conseguirá superar o problema. Assuntos como Europa do Leste, reformulação do sistema financeiro nacional, e protecionismo comercial serão assuntos em pauta. Ações conjuntas e coordenadas serão o melhor caminho para atacar os problemas.

Fora do Brasil a semana foi mais positiva do que negativa, com alento para os mercados financeiros com os anúncios do Citi e do Bank of America de que estão tendo lucro no primeiro bimestre de 2009 e de que não precisam da ajuda financeira do governo norte-americano. O mesmo se repetindo para a GM. Sabemos que não é o fim da crise, mas em tempos de volatilidade como os nossos representam uma lufada de ar fresco.

## **Cenário Internacional**

O Banco Mundial (Bird) divulgou no final de semana que espera um déficit de financiamento de até US\$ 700 bilhões para os países emergentes, o que não poderá ser coberto apenas por organizações multilaterais, mas sim com a colaboração desses organismos e de um esforço de todos os países. Para o Bird, parte dos recursos destinados a pacotes de estímulo dos países desenvolvidos deveria ser revertida para países emergentes, com o intuito de diminuir o impacto negativo da escassez de crédito, da demanda e do comércio enfraquecido. As estimativas da instituição também apontam para a maior queda no comércio mundial dos últimos 80 anos, o que afetará de forma mais profunda os países do leste asiático. O Banco afirmou que sua projeção para o crescimento mundial prevê recuo nesse ano, mas ainda não publicou seus dados oficiais.

Dominique Strauss-Kahn, diretor-gerente do FMI, afirmou na quarta-feira que as economias avançadas do mundo estão trabalhando muito lentamente para livrar os bancos do problema dos ativos, o que pode colocar em risco uma recuperação econômica global em 2010. O FMI já considera a possibilidade da economia mundial passar por uma Grande Depressão em 2009. Em janeiro, o FMI informou que o crescimento mundial ficaria praticamente estável este ano, com uma ligeira expansão de 0,5 %, mas Strauss-Kahn informou pouco mais de um mês depois que o fundo teve de reduzir a previsão após dados piores que o esperado do quarto trimestre. Strauss-Kahn informou que o FMI ainda projeta que a economia mundial vai se recuperar em meados de 2010, mas somente se os governos agirem rapidamente para implementar medidas de estímulo e balanços de bancos forem limpos de ativos podres. Sobre os Estados Unidos, cuja nova administração revelou plano para remover ativos podres dos balanços dos bancos, Strauss-Kahn afirmou que o país precisa dizer exatamente como vai fazer isso.

Já para os maiores bancos centrais do mundo, reunidos na Suíça, a economia mundial ainda está em processo de desaceleração, mas começam a ver sinais de recuperação à frente. Segundo o BIS, vivemos uma nova fase da crise mundial, em que os países emergentes estariam se "contaminando" com a globalização da crise. Para o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, a esperança é encontrar um ponto de estabilização, pois a incerteza é que estaria conduzindo a desaceleração adicional das economias. Trichet ainda ressaltou os vetores expansionistas observados neste contexto, como a redução nos preços de energia e commodities, e a importância das políticas fiscais e monetárias para controlar os efeitos adversos da crise. Já o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, voltou a afirmar que o Brasil poderá ser um dos primeiros países a superar a crise e destacou a regularização das linhas de crédito no País.

No sentido de contribuir para uma saída mais rápida da crise, o Fundo Monetário Internacional (FMI) poderá dobrar o prazo de financiamento para as linhas de liquidez de curto prazo, que foram criadas com o intuito de ajudar países que tenham fundamentos macroeconômicos sólidos, mas com dificuldades de acesso ao mercado de capitais por conta da crise. O prazo inicial para o financiamento é de 3 meses, o que poderá ser ampliado para 6 meses, com possibilidade de prolongamento, de forma a incentivar o uso dessa linha de crédito. A liquidez total de que dispõe o FMI está em torno de US\$ 250 bilhões, sendo que esse montante poderá ser duplicado, ou mesmo triplicado, com recursos dos países desenvolvidos.

Na mesma linha, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) está comprometida em restaurar o equilíbrio no mercado de petróleo e está pronta para tomar "decisões apropriadas" em seu encontro de 15 de março em Viena, disse o presidente da entidade em um comunicado na terça-feira. Os preços caíram de um recorde próximo a 150 dólares o barril em julho passado para um mínimo de 32,40 dólares em dezembro, afetados pelas turbulências econômicas, que cortaram acentuadamente a demanda por petróleo. Desde a baixa de

dezembro, os preços se recuperaram para cerca de 47 dólares o barril, com suporte em parte dos cortes na produção promovidos pela Opep. A entidade cortou a produção em 4,2 milhões de barris por dia desde setembro, e estima-se que seus países membros tenham promovido de fato 80 % desse corte.

Na tentativa de reequilibrar o fluxo de capitais no mercado internacional, o ministro da Fazenda do Brasil, Guido Mantega, disse na terça-feira que o Brasil vai apresentar aos países do G-20 na reunião deste final de semana uma proposta. Segundo ele, a crise trouxe um desequilíbrio porque fez com que capitais saíssem dos países emergentes para se concentrar nos desenvolvidos como Estados Unidos e Japão. Os americanos, por exemplo, ficam com excesso de recursos, o que provoca a valorização do dólar e prejudica as exportações. Já os emergentes ficam com pouco capital para financiamentos. A idéia brasileira é que os países com excesso de recursos coloquem esse dinheiro no FMI, que passaria a distribuí-lo aos emergentes. O assunto será discutido com os demais integrantes dos BRICs (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia e China).

Guido Mantega ainda afirmou, na sexta-feira, que Brasil, Rússia, Índia e China não irão contribuir com recursos extras ao FMI antes de ter seu poder de voto ampliado. Mantega falou após a reunião dos BRICs. Autoridades do FMI têm afirmado que o organismo precisa dobrar seus recursos para 500 bilhões de dólares, de modo a fortalecer sua capacidade de ajudar países em desenvolvimento, que enfrentam a crise de crédito. O Japão ofereceu 100 bilhões de dólares e a União Européia está avaliando um empréstimo ao FMI de 100 bilhões de dólares, faltando ainda 50 bilhões de dólares para completar a meta. Houve pedidos para que a China, que tem a maior reserva internacional, de 2 trilhões de dólares, ajudasse a completar o número. Mantega disse que não acredita em acordo sobre a reforma das cotas do FMI na reunião dos líderes do G20 em abril.

Nos Estados Unidos o cenário de deterioração da economia continua, apesar de pequenos sinais de melhora já serem perceptíveis. O mercado de trabalho continua sendo a maior fonte de notícias ruins, e, segundo informado pelo Departamento de Trabalho, a taxa de desemprego subiu para 8,1% em fevereiro, a maior desde 1983, ante 7,6% observado no mês anterior. Há um ano essa taxa era de apenas 4,8% e começou a subir consecutivamente desde setembro, com o agravamento da crise financeira. Na mesma direção da deterioração do mercado de trabalho, o payroll mostrou corte de vagas bastante próximo ao esperado, 648 mil, sendo que nos últimos meses o corte acumulado já chega a 2,6 milhões de vagas. Além disso, os dados de janeiro e dezembro foram revisados para cima: o de dezembro passou para 681 mil e o de janeiro para 655 mil. A destruição de vagas foi bastante espalhada pelos setores, sendo que somente nas áreas de governo, educação e serviços de saúde, houve aumento no número de emprego. O setor de serviços foi o que apresentou maior número de vagas destruídas, 375 mil, seguido pelo setor de manufaturas, 168 mil.

O déficit comercial dos Estados Unidos ficou em US\$ 36 bilhões em janeiro, decorrente de exportações de US\$ 124,9 bilhões e importações de US\$ 160,9 bilhões. O resultado negativo do primeiro mês de 2009 acabou mais enxuto do que aquele verificado em dezembro do ano passado, de US\$ 39,9 bilhões, quando as vendas externas somaram US\$ 132,5 bilhões e as compras, US\$ 172,4 bilhões. Em janeiro, conforme o levantamento oficial, o déficit de bens marcou US\$ 47 bilhões. Em serviços, houve superávit de US\$ 10,9 bilhões. O governo americano mostrou que o resultado negativo na balança de bens e serviços de janeiro foi US\$ 23,1 bilhões menor do que aquele registrado na abertura de 2008. O índice de preços dos importados nos Estados Unidos diminuiu 0,2% em fevereiro depois de uma baixa de 1,2% no primeiro mês de 2009. Em 12 meses, houve recuo de 12,8%, o mais marcado desde o início da pesquisa em 1982. Em fevereiro, os preços do petróleo importado subiram 3,9% e os dos bens não

petrolíferos caíram 0,6%. Quanto aos bens exportados, os preços tiveram declínio de 0,1% no mês passado, seguindo avanço de 0,5% em janeiro. Em 12 meses, o indicador decresceu 4,5%.

As vendas no varejo norte-americanas, apesar de pequena queda em fevereiro no resultado geral, dão sinais de recuperação quando analisamos os setores separadamente e aparecem como um bom sinal para a economia do país. Após uma elevação na margem revisada em janeiro de 0,9% para 1,3%, as vendas no varejo norte-americanas apresentaram pequena queda de 0,1% em fevereiro, em relação ao mês anterior. O que motivou esse resultado foi o declínio no setor de veículos automotores. Já excluindo automóveis e peças, houve elevação de 0,7%. O núcleo do índice, que também exclui automóveis, além de materiais de construção e gasolina, obteve destaque, já que cresceu 0,5% de maneira generalizada entre os itens que o compõe. Este movimento é efeito da queda de preços das mercadorias, na tentativa de eliminar estoques das empresas.

Com este resultado para o varejo, o crédito ao consumidor cresceu pela primeira vez em janeiro, após quatro meses de contração, somando US\$ 1,8 bilhão, bastante acima do declínio esperado de US\$ 5,0 bilhões. Para dezembro, a queda foi revisada para baixo (US\$ 7,5 bilhões). No acumulado do último trimestre de 2008, a contração no crédito ao consumo alcançou o recorde desde 1943, US\$ 20,6 bilhões. O volume de crédito rotativo cresceu US\$ 0,9 bilhão, o que não surpreende, dado o aumento nas vendas do varejo nos dois primeiros meses do ano. Da mesma forma, o crédito não rotativo também cresceu ligeiramente, em US\$ 0,8 bilhão.

Infelizmente, a despeito desta discreta estabilização no consumo dos Estados Unidos, dados do Fed divulgados na quinta-feira mostraram uma queda de 18% no patrimônio das famílias norte-americanas em 2008, maior recuo desde o final da Segunda Guerra Mundial, quando esta medição começou. Essa contração equivale a US\$ 11 trilhões a menos no patrimônio líquido das famílias, situação agravada no final do ano passado (ressaltando que a retração do quarto trimestre

foi de 9% na margem) por conta do aprofundamento da crise financeira, mas que já vinha se desenrolando com a perda de riqueza decorrente da redução no valor dos imóveis e nos preços de outros ativos (como ações) combinada com o aumento do endividamento e da restrição ao crédito: mal sinal para a demanda das famílias norte-americanas.

Para reforçar os pontos negativos, os estoques no atacado nos Estados Unidos apresentaram queda de 0,7% em janeiro contra dezembro, acima das projeções do mercado de -1,0%, ao passo que já havia caído 1,5% no mês anterior. As vendas no atacado, por sua vez, recuaram 2,9% no período. Com isso, a relação entre estoques e vendas chegou a 1,3 (um ano antes estava em 1,09), atingindo o menor nível desde 2002. Com esta contração dos estoques acompanhada pelo declínio das vendas, dificilmente a produção industrial apresentará recuperação de forma expressiva este ano.

Mesmo com este panorama negativo, a confiança do consumidor nos Estados Unidos melhorou marginalmente no início deste mês. O indicador da Universidade de Michigan que mede esse sentimento ficou em 56,6 agora ante os 56,3 de fevereiro. Muitos agentes no mercado financeiro esperavam uma leitura de 55. Apesar da tênue recuperação, o indicador de confiança permanece próximo de níveis históricos de baixa.

O Senado dos Estados Unidos aprovou na terça-feira um orçamento de US\$ 410 bilhões para o país, que inclui fundos para a luta contra o narcotráfico na América Central e iniciativas para a suavização das restrições de viagens a Cuba. Agora, o texto será enviado à Casa Branca para a sanção do presidente Barack Obama. Desde a semana passada, o projeto de lei vinha provocando debate entre democratas e republicanos, sobretudo porque contém mais de oito mil projetos para o atual ano fiscal que não estão relacionados ao financiamento de agências do governo. O novo orçamento, que especifica as verbas de 12 agências governamentais, é 8% maior que o do ano fiscal de 2008.

Uma porta-voz do Tesouro norte-americano afirmou na sexta-feira que os Estados Unidos têm condições de gastar o necessário para restabelecer a saúde da economia sem colocar em risco seu perfil de crédito. O anúncio veio após declaração do premiê chinês, Wen Jiabao, que disse que Pequim esperava ver resultados do plano de recuperação econômica de Barack Obama, mas manifestou preocupação de que gastos maciços e juros perto de zero pudessem erodir o valor dos bônus detidos pela China. A China é o país que mais detém títulos da dívida pública norte-americana e tem investido cerca de 70% de suas reservas internacionais em ativos em dólar. A Casa Branca também procurou assegurar a China de que não há investimento mais seguro no mundo que nos Estados Unidos.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE) divulgou na quinta-feira seu relatório mensal em que se mostrou novamente bastante pessimista em relação à atividade econômica no mundo. A avaliação do BCE é de que a economia mundial passa pela mais severa contração em muitas décadas, mais profunda e mais disseminada do que era esperado. O relatório ainda ressalta as incertezas no mercado financeiro, o que compromete o consumo das famílias e os investimentos, contribuindo para um crescimento ainda menor do PIB mundial. No sentido contrário, influenciadas pela desaceleração na atividade, as pressões inflacionárias no mundo estão bastante reduzidas, com diversos índices mostrando deflação, como o PPI divulgado na Alemanha. Com esse cenário de incertezas, as perspectivas para a região do Euro continuam ruins, resultado tanto de demanda e investimentos mais fracos quanto do comércio mundial menor.

As vendas no varejo na região do Euro mostraram uma discreta melhora em janeiro ante dezembro, mas permanecem negativas na comparação com o ano anterior. Na margem, as vendas apresentaram o primeiro resultado positivo depois de três meses de queda, subindo de -0,3% em dezembro de 2008 para 0,1% em janeiro de 2009, ficando apenas 0,1 ponto percentual abaixo das

expectativas. Em relação ao mesmo período do ano passado, as vendas também apresentaram recuperação, ainda que tímida, passando de -2,4% em dezembro para -2,2%, sendo que era esperado um recuo negativo de 2,3%, este é o oitavo mês consecutivo de queda do indicador. A fraca confiança do consumidor, que atingiu o menor nível das últimas duas décadas, somada ao crescimento do desemprego, continua sendo o principal fator para o fraco desempenho do consumo das famílias.

O resultado do índice de preços ao consumidor na Zona do Euro confirma a trajetória de queda dos preços na economia Européia. O indicador mostrou um declínio de 0,8% nos preços em janeiro ante dezembro, ficando abaixo das expectativas de -0,2%, sendo que apresentou queda de 1,5% no mês anterior. Na comparação interanual, os preços recuaram pela primeira vez desde 2004, registrando -0,5%, depois de subirem 1,2% em dezembro, surpreendendo as expectativas de 0,5%. O enfraquecimento da demanda e o forte recuo nos preços de energia, continuam sendo os principais responsáveis por este recuo.

Ao mesmo tempo, o desempenho da produção industrial da Alemanha revela a forte deterioração da atividade na região: o indicador apresentou uma queda de recorde de 7,5%, na margem, contra as estimativas de contração de 3,0%, sendo que no mês anterior recuou 3,9%; e em relação ao mesmo período do ano passado, a produção atingiu novo recorde de queda, com -19,3%, abaixo das expectativas de -15,5%, depois de declinar 11,3% em dezembro.

Na França o cenário não é diferente, e a produção industrial registrou queda de 3,1% em janeiro frente ao mês anterior. A indústria manufatureira teve recuo de 4,1% em sua atividade no período. No mês de dezembro de 2008, as baixas ficaram em 1,5% e 2,1%, respectivamente. O grupo Coque e Refino registrou a queda mais marcada na passagem do fim de 2008 para o início deste ano, de 15%. Na seqüência, apareceram equipamentos elétricos e eletrônicos e fabricação de máquinas, com declínio de 6,7%. Material de transporte registrou redução de 5,7% na produção no mês de janeiro.

Da mesma forma, o PIB da Itália caiu 2,9%, no quarto trimestre do ano passado, frente aos últimos três meses de 2007, marcando um recorde de baixa da série histórica. Os dados foram divulgados na quinta-feira pelo Instituto Nacional de Estatística italiano (Istat) e revelam a pior queda desde 1980, quando a entidade iniciou o levantamento. Na comparação com o terceiro trimestre, a retração foi de 1,9%, maior do que a estimativa anterior da entidade, que previa queda de 1,8%. Em bases anuais, o Istat havia projetado um declínio de 2,6%. Os investimentos, as exportações e o consumo geraram forte pressão contracionista sobre a economia do país no período. O nível de investimentos caiu 6,9%, ante o trimestre anterior, enquanto o consumo nacional recuou 0,6%. As vendas dos produtos italianos no mercado internacional tiveram resultado ainda pior, registrando perdas de 7,4% na mesma base de comparação.

Voltando para a Alemanha, a balança comercial do país registrou um saldo superavitário de € 8,5 bilhões, superando o apresentado no mês anterior, de € 7,3 bilhões, abaixo das expectativas do mercado de € 9,5 bilhões. A deterioração da atividade econômica mundial permanece atingindo o comércio na Europa, o que levou as exportações a contraírem pelo quarto mês consecutivo (-4,4% contra a queda de 4,0% registrada em fevereiro). As exportações da Alemanha caíram 20,7% em janeiro frente ao mesmo período do ano passado. As importações do país também registraram recuo, de 12,9%, na mesma base de comparação. Os dados preliminares, divulgados pelo Departamento Federal de Estatísticas alemão (Destatis), mostraram que a queda das exportações foi de 4,4% e que as importações cederam 0,8% ante dezembro de 2008. No primeiro mês deste ano, as vendas externas no período somaram 66,6 bilhões de Euros e as compras ficaram em 58,1 bilhões de Euros. Na mesma direção, as exportações na Zona do Euro caíram 17,4% em um ano. Já as importações declinaram 0,8% depois de recuarem 4,8% no último mês de 2008, surpreendendo os analistas que esperavam uma queda de 3,5%. A conta corrente atingiu € 4,2 bilhões em

janeiro ante os € 12,7 bilhões registrados em dezembro, metade do valor esperado pelo mercado.

A inflação na Alemanha permanece em níveis benignos à economia, atingindo patamar abaixo de zero em janeiro: os preços ao produtor apresentam deflação pelo quarto mês consecutivo, ficando abaixo das expectativas do mercado. O índice de preços do produtor (PPI) registrou queda de 1,2% ante o declínio de 0,8% observado em dezembro, surpreendendo os analistas que esperavam -0,1%. Em relação ao mesmo período de 2008, os preços caíram de 4,0% em dezembro para 2,0% em janeiro, sendo que a expectativa era de 3,4%. Parte desta desaceleração da inflação é decorrente do recuo dos preços de energia, mas a forte deterioração da demanda também representa forte influencia. Além disto, podemos observar a queda nos pedidos à indústria, que apresentou um dos menores resultados em janeiro: as encomendas caíram 8,0%, com ajuste sazonal, após recuar 7,6% em dezembro; na comparação interanual a queda foi ainda mais expressiva, de 37,9%, ante retração de 28,2% registrada no mês anterior, sendo que era esperado um declínio de 28,3%.

A recessão pode elevar o número de desempregados na Alemanha para 3,7 milhões neste ano, segundo um estudo da agência federal de trabalho obtido pela Reuters. O levantamento, divulgado na quinta-feira, estima um aumento de 430 mil desempregados em média em 2009, no pior cenário, se a economia contrair-se até 3,5 %. Em outubro, a agência previa para este ano um total de desempregados de 3,3 milhões. Em um cenário menos pessimista, o estudo aponta total de desempregados em 3,6 milhões neste ano, se a economia retrair-se em 2,75 %. O governo prevê que a economia vai ter uma contração de 2,25 % neste ano, mas alguns economistas privados vêem uma queda de até 5 %.

No sentido de trazer ajuda às economias da região, o Banco Europeu de Investimentos (EIB) aprovou na quinta-feira 3 bilhões de Euros (3,8 bilhões de dólares) em empréstimos à indústria automotiva do continente. O dinheiro irá

para as montadoras de Alemanha, Itália, França e Suécia. O braço de financiamento de longo prazo da União Européia informou que emprestará 400 milhões de Euros para a fabricante sueca de caminhões Volvo e outros 400 milhões de Euros para a Scania, além de 200 milhões de Euros para a fabricante de automóveis Volvo, detida pela Ford. Também serão emprestados 400 milhões de Euros cada para PSA Peugeot-Citroën, Renault, Fiat, BMW e Daimler. O banco acrescentou prever aprovar mais 2,8 bilhões de Euros em empréstimos para o setor em abril e maio, o que elevaria para 6,3 bilhões de Euros a quantia fornecida desde dezembro pela entidade às montadoras.

No Reino Unido, a produção industrial atingiu o seu menor patamar em janeiro com a diminuição dos pedidos às fábricas, surpreendendo as expectativas do mercado e confirmando a forte deterioração da economia no Reino Unido ainda em curso. A produção apresentou queda de 2,6%, na margem, contra -1,7% registrados em dezembro, sendo que era esperado um declínio de 1,2%. Comparando com o mesmo período do ano passado, a queda foi ainda maior, de 11,4%, depois de despencar 9,3%, abaixo do esperado de -9,9%. Os manufaturados são os mais atingidos, caindo 3,0% na margem e 12,8% na comparação interanual. No trimestre que acabou em janeiro, a produção manufatureira diminuiu 6,4% em comparação com os três meses anteriores, a maior queda desde 1968, quando o indicador começou a ser acompanhado. Por segmentos, as principais quedas foram registradas nas fábricas de equipamentos de transporte e de produtos metálicos.

A balança comercial no Reino Unido fechou com saldo negativo de £ 3,585 bilhões em janeiro, ficando acima do esperado de um saldo deficitário em £ 3,7 bilhões, ao passo que em dezembro atingiu -£ 3,248 bilhões. Devido à contração da economia mundial, as exportações inglesas vêm sofrendo forte contração: as vendas externas caíram 4,0% no primeiro mês do ano, enquanto as importações

declinaram 1,0%. A queda de 16 % nas exportações para os países fora da União Europeia superou o aumento das exportações para a Europa.

No Japão, a revisão do PIB referente ao último trimestre do ano passado apontou para uma desaceleração ligeiramente menos acentuada que a reportada anteriormente. Assim, o crescimento da atividade japonesa apresentou resultado negativo no quarto trimestre de 2008, confirmando as expectativas de forte deterioração da economia no Japão. O PIB recuou 3,2% no período, a menor taxa já registrada na série histórica, acima das expectativas de queda de 3,5%, sendo que já havia declinado 0,14% no terceiro trimestre. O PIB anualizado apresentou queda ainda mais expressiva, alcançando a menor taxa recorde desde 1974, de 12,1%, sendo que a estimativa anterior era de 12,7%, lembrando que no trimestre anterior apresentou declínio de 1,4%.

A produção industrial japonesa atingiu recorde de queda de 10,2% em janeiro contra dezembro, depois de retrair 9,8% no mês anterior, configurando-se como o quarto mês consecutivo de queda. Na comparação interanual, houve recuo de 31,0%, menor nível da série histórica, sendo que já havia registrado contração de 20,8% no último mês do ano passado. No mesmo sentido, a utilização da capacidade instalada também registrou sua menor marca, recuando 12,9% na margem. Adicionalmente, a confiança do consumidor japonês permanece enfraquecida, registrando 27,6 pontos em fevereiro e mostrando ligeira melhora ante os 27 pontos apresentados no mês anterior, após atingir a menor pontuação da série.

A deterioração da produção industrial no Japão contribuiu para a contração das encomendas de maquinário. Os pedidos apresentaram queda de 3,2% em janeiro contra o declínio de 1,7% registrado no mês anterior, ficando acima do esperado de -4,8%. Na comparação interanual, as encomendas registraram o menor nível da série histórica (39,5%, contra -26,8% apresentados no mês passado), sendo que era esperada uma queda ainda maior, de 40,0%.

Na tentativa de proteger o sistema financeiro e na busca da recuperação da economia do país, o Japão injetou dinheiro em três bancos na sexta-feira, no primeiro movimento desse tipo feito na atual crise financeira. O banco central do país alertou que a recessão está piorando e o governo prometeu um novo pacote de estímulo nas próximas semanas. A maior parte dos recursos irá para o Sapporo Hokuyo Holdings. Outros dois bancos pequenos, o Minami-Nippon Bank e o Fukuho Bank também receberão dinheiro. Eles estão entre os concessionários de empréstimos abatidos depois de que seus clientes sentiram o impacto da queda das exportações e dos preços do setor imobiliário. O presidente do Banco do Japão, Masaaki Shirakawa, alertou que a economia, que já se contraiu no ritmo mais forte desde a crise do petróleo em 1974, pode piorar.

Na China, os indicadores referentes à atividade doméstica divulgados na quinta-feira dão uma freada no otimismo iniciado semana passada em relação à economia do país. A surpresa maior veio da produção industrial, para a qual era esperada uma recuperação como apontavam os dados antecedentes de consumo de energia e produção de aço, mas o que se viu foi um abrandamento no ritmo de crescimento em janeiro e fevereiro deste ano. No período, a atividade das fábricas cresceu 3,8% na comparação com o calendário antecedente, enquanto que em dezembro de 2008 houve expansão de 5,7%. Somente no mês passado, a produção das indústrias na China subiu 11% perante um ano antes, mas se deve levar em conta que fevereiro de 2009 contou com cinco dias úteis a mais do que igual mês do exercício antecedente por causa da incidência do Ano Novo chinês. Este avanço também teve impacto de um acréscimo de 42,5% na produção de concreto. As vendas nominais no varejo na China caíram de 21,6% registrados em janeiro para 15,2% em fevereiro, surpreendendo as expectativas do mercado de 17,0%, na comparação com fevereiro do ano passado.

Os dados de setor externo da economia chinesa referentes a fevereiro são reveladores da desaceleração em curso da atividade mundial dada a forte queda

das vendas externas do país, enquanto que o resultado menos fraco das importações aponta para uma possível estabilização da economia da região. A balança comercial chinesa apresentou um saldo superavitário de US\$ 4,84 bilhões em fevereiro, depois de atingir um saldo positivo de US\$ 39,11 bilhões em janeiro, bastante abaixo das expectativas de US\$ 28,30 bilhões. Este desempenho é resultado da contração de 25,7% das exportações, surpreendendo negativamente as projeções do mercado que esperavam queda de 1,0%, lembrando que no primeiro mês do ano registrou queda de 17,5%. Cabe mencionar que esta piora das exportações foi puxada pelos Estados Unidos e pela Europa, que contraíram suas compras em 23,9% e 30,2%, respectivamente. Já as importações caíram 24,1%, após um declínio recorde de 43,1%, ficando acima das expectativas de -22,5% e mostrando desaceleração do ritmo de deterioração observado nos últimos meses. Adicionalmente, cabe mencionar a redução a zero das tarifas para exportação dos produtos chineses e a elevação da ajuda financeira aos exportadores, como forma de minimizar os impactos da crise mundial e aumentar a competitividade do país no comércio mundial.

A inflação na China apresentou resultados abaixo de zero em fevereiro em relação a janeiro, confirmando as expectativas de deflação. Os resultados ficaram próximos ao esperado pelo mercado, atingindo os menores níveis registrados nos últimos anos. O índice de preços ao consumidor (CPI) caiu pela primeira vez desde 2002, registrando -1,6% depois de acelerar 1,0% no mês anterior, surpreendendo as expectativas de -1,0%, por conta da queda dos preços de alimentação, vestuário e energia. Já os preços ao produtor (PPI) apresentaram queda ainda maior, chegando ao menor patamar da série histórica, de -4,5% ante os -3,3% registrados em janeiro, ficando dentro das estimativas.

No intuito de recuperar a economia do país, o Congresso Nacional do Povo encerrou na sexta-feira sua sessão anual no Grande Palácio do Povo de Pequim após aprovar, por ampla maioria, o pacote de estímulo de US\$ 586 bilhões e um apoio ao primeiro-ministro Wen Jiabao. O pacote, de dois anos de duração, foi

aprovado com 2.669 votos a favor, 145 contra e 71 abstenções. O Legislativo ratificou também, por 2.824 votos a favor dos 2.898 membros da Assembléia, o plano apresentado por Wen em 5 de março para impulsionar o desenvolvimento econômico e social, com o objetivo de atenuar os efeitos da crise. Em seu relatório, rejeitado por apenas 42 legisladores, Wen afirmou que a China é capaz de conseguir um crescimento de 8% caso as medidas estabelecidas sejam levadas adiante. Os legisladores também deram sinal verde para orçamentos locais e para o central, ao relatório de execução do plano de desenvolvimento econômico e social nacional, ao de trabalho da Comissão Permanente do Congresso Nacional do Povo, ao do Tribunal Popular Supremo e ao da Procuradoria.

Além disso, Wen assegurou que seu país pode apresentar medidas adicionais de estímulo à economia se for necessário para cumprir sua promessa de manter um crescimento sólido em 2009, mas disse que será um ano desafiante. O ministro também disse que está observando de perto a economia dos Estados Unidos e que está um pouco preocupado sobre a segurança dos ativos chineses naquele país.

Na Coreia do Sul, o órgão regulador do país informou na sexta-feira que lançará um fundo de 40 trilhões de won (27 bilhões de dólares) para comprar empréstimos problemáticos de instituições financeiras e ativos de empresas com dificuldades. A Comissão de Serviços Financeiros disse que a estatal Korea Asset Management Corp (KAMC) emitirá a mesma quantia em bônus sob uma garantia do governo para criar o fundo, que terá vigência de cinco anos. O governo prevê enviar um projeto de lei ao parlamento no mês que vem.

Nos voltando agora para nossa região, segundo o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, o Brasil pretende ajudar a Bolívia a enfrentar a crise financeira global aumentando o intercâmbio comercial bilateral, sem acabar com o atual superávit do país vizinho. Segundo o Itamaraty, as exportações brasileiras

para a Bolívia somaram 1,14 bilhão de dólares em 2008, enquanto que as exportações da Bolívia para o Brasil totalizaram 2,85 bilhões de dólares, resultado proveniente, em grande parte, pela importação do gás natural boliviano. Amorim disse que o Brasil tentará acelerar as importações de produtos têxteis da Bolívia, cujas vendas aos Estados Unidos foram prejudicadas pela suspensão de benefícios comerciais pelo governo norte-americano por causa da suposta falta de cooperação do país andino na luta contra o tráfico de cocaína. A ajuda havia sido anunciada pelo Mercosul em dezembro, mas até agora não foi implementada. Segundo Amorim, a demora foi causada devido às diferenças entre os países que integram o bloco e por motivos burocráticos.

Ainda em relação a nossa região, o Equador declarou na quinta-feira o segundo default de sua dívida externa. O Ministério das Finanças informou que o país não pagará US\$ 135 milhões referentes ao vencimento de um título do governo. Os bônus Global 2030 estavam em período de mora técnica, que o governo decretou há um mês para avaliar se honraria ou não a dívida. Em dezembro, o governo do presidente Rafael Correa já havia colocado outro título, o Global 2012, em default ao deixar de pagar US\$ 30,6 milhões em juros, sob os mesmos argumentos de ilegalidade e ilegitimidade. A ministra das Finanças, Maria Elsa Viteri, disse no comunicado que o Equador planeja apresentar uma proposta de renegociação para chegar a uma solução global ainda este mês com os detentores dos títulos em default. O governo levantou US\$ 2,7 bilhões com a emissão dos títulos Global 2030 e mais US\$ 540,6 milhões com os Global 2012, os dois títulos representando 32% da dívida externa do país.

Finalmente, na Venezuela, a Assembléia Nacional aprovou na quinta-feira uma medida que transfere dos governos estaduais para o governo federal o controle sobre as estradas, portos e aeroportos do país. A decisão dá ao presidente Hugo Chávez o controle sobre as principais vias de transporte venezuelanas. Segundo críticos, a medida é inconstitucional e vai consolidar ainda mais o poder do

# FUNDAMENTUM

presidente sobre os Estados e cidades governados pela oposição. O governo argumenta "razões estratégicas" para retirar este controle da mão dos governadores e prefeitos. Durante o longo debate na Assembléia, formada, em sua maioria, por correligionários de Chávez, os deputados governistas argumentaram que ao devolver o controle sobre as vias de transporte para o governo federal estariam garantindo maior participação popular nos assuntos públicos.

## **Cenário Interno**

Segundo dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) junto a órgãos oficiais de estatísticas, o crescimento da economia brasileira em 2008, apesar do fraco desempenho do quarto trimestre, foi o segundo melhor entre um grupo de nove países que já divulgaram suas estatísticas para o PIB. De acordo com esta comparação, o crescimento de 5,1% do PIB brasileiro no ano passado, só foi inferior ao avanço da China, de 9%. O México cresceu 1,3% em 2008, a Espanha avançou 1,2% e os Estados Unidos progrediram 1,1%. A economia da Alemanha teve alta de 1%, a do Reino Unido, de 0,7% e a do Canadá, de 0,5%. Os países que formam a União Européia tiveram crescimento de 0,9% e os que integram a Zona do Euro avançaram 0,8%. No Japão, o PIB teve queda de 0,7% no ano passado. Na Itália, o recuo foi de 1% no mesmo período.

Os dados do PIB divulgados na terça-feira pelo IBGE mostraram uma queda de 3,6% no quarto trimestre de 2008 em relação ao trimestre anterior (com ajuste sazonal) e crescimento de 1,3% na comparação com o mesmo trimestre de 2007. Com este resultado, o PIB de 2008 cresceu 5,1%. Na ótica da oferta, destaque para o fraco desempenho da indústria (já antecipado pelos dados da pesquisa industrial mensal daquele período), que mostrou queda de 2,1% em comparação ao mesmo período de 2007 e recuo de 7,4%, na margem, em termos dessazonalizados: maior queda nessa base de comparação desde o quarto trimestre de 2006. No mesmo sentido, mas em menor magnitude, houve recuo em relação ao trimestre anterior do setor de agropecuária e serviços. Em relação ao setor de serviços, destaque para a desaceleração de alguns sub-setores mais diretamente ligados ao consumo como, por exemplo, a queda do sub-setor comércio (-1,3% interanual), resultado não observado na pesquisa de comércio varejista do quarto trimestre de 2008, e a desaceleração da taxa de crescimento

de intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos. Do lado da demanda, o consumo das famílias cresceu apenas 2,2% no quarto trimestre de 2008 ante o quarto trimestre de 2007, levando a uma queda, na margem, de 2,0% (primeira contração após 22 trimestres consecutivos de alta). No mesmo sentido, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) caiu 9,8% na margem. Por fim, as exportações de bens e serviços apresentaram queda de 2,9% na margem, e as importações caíram 8,2%. Este resultado fez com que o hiato do PIB (diferença entre o PIB efetivo e o PIB potencial da economia) chegasse ao terreno negativo no quarto trimestre de 2008, após seis trimestres de permanência acima do potencial.

Olhando os resultados da indústria com mais detalhe, no acumulado do ano, a contribuição da indústria para o PIB teve alta de 4,3%. A construção civil, com crescimento de 8%, foi a principal responsável por esse avanço. Contribuíram para o resultado, o crescimento do crédito habitacional (30,4%) e a população ocupada na construção (4,2%). Ainda dentro da atividade industrial, a extrativa mineral teve alta de 4,3% em relação a 2007, puxada pelos números de extração de petróleo e gás, com alta de 5,2%. A indústria de transformação, que registrou a maior queda no quarto trimestre, 4,9%, foi a com desempenho mais tímido no acumulado do ano, alta de 3,2%. Impactaram negativamente no índice, produtos de madeira, químicos, material elétrico e equipamentos de comunicação, máquinas escritório e equipamentos de informação e artefatos de couro e calçados.

Olhando os resultados da FBCF de perto, os investimentos em máquinas e equipamentos foram os principais responsáveis pelo crescimento de 13,8% da Formação Bruta de Capital Fixo no ano passado. O avanço do indicador foi recorde para a série do IBGE, iniciada em 1996. De acordo com os dados divulgados na terça-feira pelas Contas Nacionais do IBGE, a rubrica Máquinas e Equipamentos subiu 18,9% em volume e teve peso de 55% dentro da FBCF no

ano passado. Na seqüência, apareceu Construção, que avançou 8,9%, com peso de 38%; e a rubrica Outros, com alta de 2% e peso de 7%. Como resultado, a FBCF subiu pelo quinto ano seguido, beneficiando-se do aumento nominal de 42,2% do crédito de recursos livres para pessoas jurídicas no ano passado e do crescimento nominal de 23,4% das operações de crédito do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O Consumo das Famílias também teve o quinto aumento anual seguido, beneficiado pelo crescimento de 7,9% da massa salarial real e do aumento nominal de 30,3% do saldo de operações de crédito do sistema financeiro com recursos livre para pessoas físicas.

No intuito de tentar alavancar a atividade no país, reaquecendo produção, investimento e consumo, o BACEN está preparando novas medidas para injetar mais liquidez nos pequenos e médios bancos, a fim de fortalecê-los para voltarem a emprestar mais. A informação é do senador Aloizio Mercadante (PT-SP), e confirmada pelo diretor de Administração do BC, Anthero Meirelles, que estiveram reunidos esta semana na sede do BACEN em Brasília com o presidente Henrique Meirelles. O fato é que o BACEN resolveu o problema de fluxo que os bancos tinham, no último trimestre do ano, mas estes não voltaram a emprestar no ritmo que é necessário. O problema é que eles são especializados em alguns nichos de mercado que são muito importantes para a reativação da economia como, por exemplo, carros usados. O BACEN está estudando medidas nessa direção, de como assegurar mais liquidez aos pequenos e médios bancos para que eles possam ter uma atitude mais ativa em termos de oferta de crédito. No encontro também foram tratadas possibilidades de novas medidas que ajudem a reduzir o spread bancário, que é a diferença entre o custo de captação dos bancos e a taxa efetivamente cobrada ao consumidor.

Em termos de política efetiva, o Comitê de Política Monetária (Copom) acelerou na quarta-feira a redução da taxa Selic, reduzindo-a em 1,50%, decisão que não surpreendeu o mercado, principalmente após as divulgações ruins da produção

industrial de janeiro e do PIB do quarto trimestre. O corte realizado, que foi o maior desde agosto de 2003, levou a taxa básica de juros ao mesmo patamar alcançado em março de 2008, antes do ciclo mais recente de aperto monetário. No comunicado divulgado pelo Banco Central após a rápida e unânime decisão, o Comitê não se comprometeu com decisões futuras, deixando as portas abertas para a próxima reunião, nos dias 28 e 29 de abril. Segundo o comunicado, o Comitê acompanhará a evolução da trajetória prospectiva para a inflação até a sua próxima reunião, levando em conta a magnitude e a rapidez do ajuste da taxa básica de juros já implementado e seus efeitos cumulativos, para então definir os próximos passos na sua estratégia de política monetária. O brusco movimento para baixo na atividade econômica nos últimos meses está de fato exagerado pela alta dos estoques, mas tem características de um choque permanente. O deslocamento na demanda agregada brasileira pela rápida deterioração do mercado de trabalho e pela contração da atividade global gera um cenário favorável de queda para a inflação, o que sugere mais cortes de juros nas próximas reuniões do Copom.

Em relação à arrecadação do Governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu na quinta-feira que a arrecadação irá diminuir nesse ano, em função da desaceleração da atividade no País. Lula, no entanto, reafirmou que o governo não irá combater os efeitos da crise internacional com corte nos gastos públicos e chegou a afirmar que irá anunciar novas obras, principalmente de infra-estrutura (como estradas e ferrovias), além da ampliação de serviços sociais. O presidente ainda declarou que não pretende cortar funcionários públicos e disse que irá lançar o pacote de habitação em até 10 dias, visando construir 1 milhão de moradias para a população de baixa renda.

No que diz respeito ao pacote de habitação, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, apresentou na quarta-feira, em reunião com a bancada do Nordeste, as principais medidas do programa nacional de habitação que está sendo preparado pelo governo. Segundo a ministra, o programa vai atingir principalmente famílias

com renda de até três salários mínimos, com subsídios diretos na prestação. A idéia é reduzir o déficit de 7,5 milhões de famílias sem moradia. Dilma afirmou que os inscritos no programa não pagarão prestação enquanto não tiverem a chave da casa, e que os mutuários terão seguro de vida. De acordo com Dilma, está sendo discutido com o Conselho Nacional de Meio Ambiente para que as licenças ambientais sejam dadas em prazo de 30 dias para os terrenos que serão utilizados pelo programa. O governo estuda também adotar o modelo do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), do Ministério das Cidades, que tem um processo mais rápido para não precisar usar a lei das licitações. A expectativa é reduzir, de 36 para 11 meses, o prazo que vai da aquisição do terreno à entrega da chave. As principais fontes de recurso do programa serão o Tesouro Nacional e o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Contudo, os impasses continuam em relação ao pacote, e retardam o anúncio do mesmo. Os técnicos do Ministério da Fazenda não conseguem chegar a um acordo sobre que desoneração o governo federal pode fazer no pacote. Depois de descartar a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para materiais de construção, os técnicos brigam agora por causa do Regime Especial de Tributação (RET) do patrimônio de afetação. O secretário de Política Econômica, Nelson Barbosa, defende a diminuição da alíquota do RET, mas os fiscalistas não querem abrir mão de arrecadação. Pela proposta prevista no pacote, o RET (que reúne PIS/Cofins, Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) e Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL)), teria sua alíquota reduzida de 7% para 1% para empresas que construírem imóveis voltados para baixa renda, ou seja, trabalhadores com renda de zero a três salários mínimos. Esse regime tributário vale para as empresas que usam o patrimônio de afetação, ou seja, que fazem empreendimentos cuja contabilidade é controlada em separado. O sistema foi criado em 2004 para evitar casos como o da Encol, em que uma empresa falida usava o patrimônio de compradores de seus imóveis para o pagamento de passivos. Segundo técnicos da Fazenda, o problema é que a queda da

arrecadação no início de 2009 e o forte desaquecimento da economia deixaram a Receita Federal relutante em abrir mão de qualquer valor. Publicamente, o discurso do governo é que o pacote terá como foco principal destinar recursos públicos para subsidiar as prestações de imóveis para baixa renda, pois isso terá efeito direto no bolso do cidadão. Mas por trás disso, também está a possibilidade de contingenciar valores caso a situação da economia se deteriore ainda mais. Estima-se que a União pode destinar R\$ 20 bilhões para os subsídios.

No que tange os indicadores para a economia brasileira, os Indicadores Industriais divulgados na segunda-feira pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) confirmaram a percepção de que janeiro foi um mês com resultados muito negativos para a indústria brasileira. Em relação ao mesmo mês de 2007, o indicador de faturamento real da indústria de transformação registrou contração de 13,4%, recorde de queda nesta base de comparação, em linha com o recorde de contração também registrado na produção industrial. Na margem, observou-se um recuo com ajuste sazonal de 4,3%, sendo que houve queda em 15 dos 19 setores analisados.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) caiu 1 ponto percentual, alcançando 78,4% em termos dessazonalizados: trata-se do patamar mais baixo desde novembro de 2003, quando o indicador atingiu o mesmo nível verificado agora. Resultados mais recentes divulgados pela FGV (com metodologia e amostra diferentes daquelas utilizadas pela CNI) mostraram que o NUCI continuou em queda no segundo mês do ano. O resultado para o NUCI é advindo da diminuição da produção e também da maturação dos investimentos que ampliou a capacidade da indústria produzir. Se por um lado a notícia sinaliza que a produção está menor, por outro, mostra que a indústria brasileira está mais habilitada para atender a um aumento de demanda, motivo de preocupação a menos para o Banco Central porque ajuda a combater altas da inflação.

Os indicadores de emprego e horas trabalhadas continuam registrando contração em relação ao mesmo mês do ano anterior (-0,1% e 6,5%, respectivamente),

porém, o número de horas trabalhadas apresentou expansão de 1,3% ante dezembro, já descontados os efeitos sazonais, em linha com a expansão na margem apresentada pelo IBGE na última sexta-feira.

Para ilustrar este cenário para a indústria tivemos os dados da indústria automobilística onde, de acordo com a ANFAVEA, a produção da indústria automobilística (excluindo máquinas agrícolas) apresentou queda de 20,3% em fevereiro na comparação com o mesmo mês de 2008. Essa contração correspondeu a uma expansão de 5,4% na margem, já descontados os efeitos sazonais. A queda interanual é a quinta consecutiva e revela mudança no patamar da produção do setor, que registrou alguma recuperação nos dois últimos meses, influenciada, sobretudo pela redução/isenção do IPI anunciada em dezembro.

O Sinalizador da Produção Industrial (SPI) da FGV apontou alta de 5% em fevereiro na comparação com janeiro. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, houve redução de -18% em janeiro para -12,8% em fevereiro. Esse indicador da FGV indica uma tendência do que deve acontecer com a produção industrial, medida pelo IBGE. O SPI é um indicador econômico mensal, elaborado em parceria entre a FGV e a AES Eletropaulo, que antecipa tendências da atividade industrial no estado de São Paulo (PMI-SP). Na comparação dos últimos 12 meses com os 12 meses anteriores, a taxa de crescimento caiu pelo sétimo mês consecutivo, alcançando 1,1%, o menor nível desde fevereiro de 2004 (-0,3%). Tão importante quanto a recuperação é o tempo que ela levará: quanto mais tempo demorar, maiores são as chances de demissões nas indústrias, ou de redução da massa salarial e da renda dos trabalhadores.

Encarando agora os dados efetivos, a produção industrial recuou 17,2% em janeiro na comparação interanual, o que significou alta de apenas 2,3% na margem com ajuste sazonal, resultado muito abaixo da estimativa mediana do mercado, de -11,3% e +8,0% (variações interanuais e marginais,

dessazonalizadas, respectivamente). O crescimento acumulado em 12 meses é de 1,0%, lembrando que em outubro de 2008, este mesmo cálculo apontava uma expansão de 5,9%, ou seja, a desaceleração da produção industrial está sendo muito intensa e rápida. Analisando a abertura do indicador, observamos baixo crescimento quase que generalizado entre as categorias de uso. A exceção veio da produção de bens de consumo duráveis, que conforme os dados da produção de veículos haviam antecipado, mostrou forte alta na margem (+38,6%). No sentido contrário, observamos a queda, na margem, da produção de bens de consumo semi e não-duráveis e a produção de bens intermediários, que após uma queda de 12,4% em dezembro ante novembro, apontou alta de apenas 0,8% em janeiro em relação a dezembro. Esses movimentos sugerem que o aumento do rendimento real verificado até janeiro não está se refletindo em vendas a ponto do varejo fazer novos pedidos às indústrias, e que a fraca produção de bens intermediários deve estar ligada ao alto nível dos estoques deste setor. Se não fosse o setor automotivo e demais equipamentos de transporte, a produção industrial apresentaria resultado ainda mais baixo.

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES) do IBGE, divulgada na quinta-feira, o emprego industrial em janeiro mostrou novo mês de deterioração. O emprego industrial recuou na margem com ajuste sazonal pelo quarto mês consecutivo em janeiro (-1,3%), e mostrou queda na comparação com janeiro de 2008 (-2,5%) a maior desde o início da série em 2001. Adicionalmente, a produtividade da indústria ficou ligeiramente negativa (-0,5%) no acumulado em 12 meses encerrados em janeiro de 2009, impulsionada pelo forte recuo da produção industrial nos últimos meses. Os salários reais mantiveram o ritmo de crescimento na mesma base de comparação (+4,0%). A combinação destas variáveis apontou para mais uma forte elevação de 4,5% no acumulado em 12 meses do cálculo do Custo Unitário do Trabalho (CUT), obtido pela razão entre produtividade e salários reais. Esta elevação do CUT, no entanto,

não deve se traduzir em pressão inflacionária já que vem acompanhada de forte desaquecimento da atividade econômica.

No mesmo sentido, a pesquisa de emprego industrial da FIESP, para fevereiro, apontou continuidade da queda do emprego neste setor em São Paulo: -2,1% em comparação a janeiro em termos dessazonalizados, com fechamento de 43 mil vagas, pior resultado para este mês desde 2006. Na comparação mensal sem ajuste sazonal, houve baixa de 1,8 % no nível de emprego. Na comparação com fevereiro de 2008, o emprego industrial em São Paulo registrou queda de 4,57 %, com o fechamento de 112.500 vagas.

Após a ligeira recuperação em fevereiro, o índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo, voltou a cair em março. Em termos dessazonalizados, o índice passou de 126,7 pontos para 124,9 pontos. Dos componentes do indicador, o índice das Condições Econômicas Atuais (ICEA) apresentou a maior queda, enquanto que o índice de Expectativas do Consumidor (IEC) se elevou ligeiramente. Esse resultado, aliado à piora dos dados de mercado de trabalho brasileiro, sugere continuidade da deterioração na confiança do consumidor nos próximos meses.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou na quinta-feira a Consulta Empresarial feita com 431 empresas. A Consulta Empresarial foi realizada de 4 a 11 de março. Segundo a CNI, 431 empresas participaram, sendo 75 de grande porte, 147 de médio e 209 de pequeno. As empresas estão distribuídas por 24 estados e o Distrito Federal e por 30 setores industriais. Para 55% delas este primeiro trimestre de 2009 está sendo negativo, com mais impacto sobre suas empresas que dezembro de 2008. Segundo a pesquisa da CNI, 17% dos empresários responderam que os impactos aumentaram muito; 38% disseram que os impactos aumentaram; para 35% nada mudou de dezembro para este primeiro trimestre; e só 10% responderam que os impactos diminuíram. Outro dado ruim do levantamento: 31% dos empresários ouvidos acreditam que a crise

terá fim neste ano, sendo que 10% acham que ela vai acabar no primeiro semestre. Neste caso, 35% acham que a crise será superada em 2010 e outros 12% afirmaram que ela só vai passar mesmo após 2010.

Durante a crise, como os dados já mostraram, houve demissões, suspensão de serviços terceirizados e de contratações, férias coletivas, redução da jornada de trabalho. Tudo isso impactou nos níveis de produção, mas o problema é que muitas empresas ainda pretendem adotar outras medidas para enfrentar a crise, a demissão sendo a principal destas medidas.

Segundo a Consulta, no fim do ano passado, a crise pegou em cheio as grandes empresas, principalmente as que exportam e têm maior contato com outros países, que também foram fortemente afetados. Agora, neste início de 2009, as pequenas e médias empresas, que fazem parte da cadeia das grandes, começaram a sentir os cortes feitos na produção no último trimestre de 2008.

Ainda em relação à consulta, 83% dos empresários entrevistados se dizem afetados pela crise, sendo que 80% das empresas consultadas adotaram alguma medida para enfrentar a crise, sendo que, agora, 59% ainda pretendem adotar.

Outro dado da pesquisa é sobre a efetividade das ações do governo: mais da metade dos entrevistados disse que as medidas estão tendo efeito moderado, ou seja, ou há dificuldades reais para implantar as medidas ou as empresas ainda não recuperaram o nível do ano passado.

Outro indicador revelador da situação da atividade no País é o consumo de energia, que voltou a se recuperar em fevereiro. De acordo com pesquisa feita pela Comerc com 119 empresas, o consumo de energia cresceu 4,6% na comparação com janeiro, segundo mês de alta, após janeiro ter registrado crescimento na margem de 3,05%. O problema é quando se olha para o mesmo mês do ano anterior e se verifica que o nível está muito mais baixo, ou seja, fica claro que ainda teremos que crescer muito para recuperar os níveis anteriores à crise. Na comparação com fevereiro de 2008, houve redução de 13,03%. Muitas

empresas estavam em férias coletivas no mês de janeiro, então parte desse aumento é fruto da volta desses empregados ao trabalho. Os setores que mais se destacaram foram vidros, química e petroquímica, têxtil e veículos/autopeças.

Em termos de projeções, segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 06 de março, o mercado continuou a reduzir as projeções de crescimento do PIB, depois de manter a taxa inalterada por duas semanas. O Boletim aponta crescimento de 1,2% do PIB, contra previsão de 1,5% da semana passada. Para a produção industrial, o resultado é pior: retração de 0,04%. Na semana passada, o Boletim apontava crescimento de 1,24%. Para a inflação, o cenário pelo menos é de queda nos preços: o IPCA recuou de 4,66% para 4,57%; o IGP-DI, de 4,50% para 4,16%; O IGP-M, de 3,99% para 3,79%. A previsão para a taxa de câmbio no final do ano se manteve estável pela oitava semana seguida, em R\$ 2,30. Já a meta da taxa Selic permaneceu em 10,25% em 2009 e em 10,25% para 2010.

Analisando os resultados efetivos, o IGP-DI apresentou deflação de 0,13% em fevereiro ante +0,01% em janeiro, confirmando a expectativa de forte desaceleração dos preços agrícolas ao longo do mês, mesmo após alta pontual. A primeira prévia do IGP-M de março registrou queda de 0,45%.

O IPA voltou a apresentar variação negativa, -0,31%, resultado da queda do IPA agrícola (-0,36%) e do IPA industrial (-0,29%). Para o arrefecimento dos preços agrícolas, destaque para as contribuições de soja, carnes bovinas e feijão. Para a queda dos preços industriais, destaque para a contínua queda dos químicos.

O IPC, por sua vez, também desacelerou, para 0,21%, com queda em alimentação (-0,12%), vestuário (-0,71%) e desaceleração forte em educação (0,49%).

O INCC mostrou ritmo menor de expansão, passando para 0,27%, com mão-de-obra desacelerando.

O IPCA apresentou alta de 0,55% em fevereiro. Apesar da aceleração em relação a janeiro (quando registrou avanço de 0,48%), o índice desacelerou em relação ao IPCA-15, que teve alta de 0,63%. A elevação é resultado, em especial, dos reajustes de educação que ocorrem no mês: o grupo avançou 4,77% no mês, com destaque para cursos, com aumento de 5,64%. Destaque também para a evolução de alimentação que, conforme adiantado por outros índices de inflação, passou de alta de 0,44% no último IPCA-15 para 0,27%: cereais e leguminosas (com destaque para o feijão), tubérculos e carnes, foram responsáveis por essa redução. O grupo de transportes, com parte dos reajustes já saindo do cálculo, começou a desacelerar, para 0,24%, o que deve se manter para os próximos índices. No que diz respeito aos itens relacionados a serviços, que vinham apresentando trajetória de desaceleração nos últimos meses, observamos alta de 1,89% em fevereiro, o que é apenas parcialmente explicado por educação. Por fim, vale lembrar que o núcleo por exclusão subiu para 0,88%.

O IPC-FIPE, referente à primeira semana de março, apresentou alta de 0,24%. Destaque para a desaceleração no grupo alimentação, que avançou 0,14%, bastante abaixo do registrado há apenas um mês quando chegou à alta de 0,83%. Os reajustes nos transportes aceleraram esse grupo novamente, com alta de 0,44%. Ademais, é importante notar a continuidade da deflação do grupo vestuário (-0,44%), tendência que se mantém desde meados de janeiro.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) diminuiu para 0,31% em fevereiro depois de marcar alta de 0,64% um mês antes. Em fevereiro de 2008, o indicador subiu 0,48%. No primeiro bimestre deste ano, o índice registrou avanço de 0,95%. Em 12 meses, o INPC teve expansão de 6,25%, menos do que os 6,43% dos 12 meses imediatamente anteriores. O INPC é calculado entre as famílias com renda mensal de até seis salários mínimos nas nove maiores regiões metropolitanas do país, além do município de Goiânia e de Brasília. Coube a Recife o maior índice regional, de 0,85%, refletindo, especialmente, os aumentos nas tarifas dos ônibus urbanos (4,88%) e dos combustíveis, gasolina (2,35%) e

álcool (5,88%). Em sentido inverso, a menor leitura regional ficou com Fortaleza, de deflação de 0,13%. Goiânia também verificou INPC negativo, de 0,10%.

As vendas do comércio varejista surpreenderam em janeiro com alta de 1,4% no volume de vendas frente a dezembro e de 6% na comparação com janeiro de 2008. A média das estimativas do mercado apontava redução de 0,20% na margem e alta de 3,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Os números vieram melhores do que a previsão e o setor que mais surpreendeu foi o de móveis e eletrodomésticos, que obteve alta de 7,1% na comparação com dezembro, devolvendo assim parte das perdas que sofreu em novembro (-3,5%) e dezembro (4,8%). A justificativa para esse aumento está relacionada às promoções e liquidações que aconteceram no mês de janeiro e também na melhora das condições de crédito nesse mês, na comparação com o colapso que houve no último trimestre do ano passado.

A dúvida que ainda permanece é se essa alta é sustentável ou apenas pontual, como reflexo das liquidações e desova de estoques que ocorreram, além da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de automóveis, cortes na taxa básica de juros (Selic) e a nova tabela do Imposto de Renda (IR). À primeira vista, a impressão que se tem é que a crise não afetou muito o comércio, já que em janeiro o indicador aponta 147,76 pontos, a apenas 1,24 ponto do pico da série, que aconteceu em setembro de 2008, com 149 pontos. Dois anos atrás, por exemplo, o indicador apontava 127 pontos, ou seja, o comércio estava vendendo 13% a menos. O problema é que o fato de não crescer, o que vem acontecendo desde setembro, também é considerado um resultado negativo. O mês de janeiro deste ano teve o pior crescimento desde 2004, de 6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Em janeiro de 2008, o crescimento era de 11%. Outro ponto importante para analisar esse indicador é que ele tem um peso muito grande do setor de supermercados, que não foi muito atingido pela crise. Além de serem produtos de baixo valor e que

não dependem de crédito, os alimentos foram beneficiados pela redução dos preços das commodities agrícolas nos mercados internacionais.

No que concerne a produção no campo, estimativas feitas pela Conab, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento apontam para uma queda da safra 08/09 de grãos de 6,1% em relação à safra do ano passado, resultando em uma colheita de 135,3 milhões de toneladas. Em relação ao levantamento anterior, realizado em fevereiro, houve aumento de 0,5% da estimativa da safra, em razão de aumento das estimativas da produção de arroz, feijão e soja. A área plantada com grãos se manteve estável, registrando uma leve alta de 0,5%, sendo estimados 47,7 milhões de hectares. A atual safra enfrentou condições climáticas desfavoráveis e atrasos no plantio, além de queda na produtividade, o que pode explicar a menor produção. Complementando as estimativas da CONAB, o IBGE liberou o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA): os números de grãos não surpreenderam, pois já haviam sido antecipados pela CONAB; os outros produtos, que não grãos, registraram leve aumento em fevereiro, sendo 1,1% para a cana-de-açúcar e 0,3% para a mandioca; para os demais produtos observaram-se quedas, como na produção de batata-inglesa, mamona, laranja, entre outros. Para ambos os levantamentos, levou-se já em consideração a colheita das culturas de verão, e para os próximos será também levado em conta as segundas e terceiras safras de alguns produtos (como a batata-inglesa) e as principais culturas de inverno.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), as exportações brasileiras de carne suína, em fevereiro, somaram 46 mil toneladas, um aumento de 16,74% em relação a igual período de 2008. A Rússia, principal cliente, foi responsável pelo bom resultado das vendas externas. O mercado russo comprou 24 mil toneladas, um crescimento de 68,94%, comparado com fevereiro de 2008. O lado negativo são os baixos preços do mercado externo e interno, que não têm remunerado o suinocultor e a

indústria: o preço médio no mercado externo, nos dois primeiros meses deste ano, caiu 13,78% em relação a igual período de 2008.

Segundo dados elaborados pelo Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), com base no balanço da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as exportações brasileiras de couros no primeiro bimestre do ano somaram US\$ 148,35 milhões, registrando queda de 59% da receita apurada no acumulado anterior. Este resultado é reflexo da crise internacional no quarto trimestre de 2008. A recessão instalada provocou uma forte crise de demanda, reduzindo drasticamente a procura por diversos produtos e se transferindo, por efeito dominó, pelos diversos elos das cadeias produtivas. Além deste problema, o desempenho do segmento vem sendo castigado pelas altas taxas de juros, burocracia excessiva, precariedade do sistema de infra-estrutura, e, principalmente, falta de capital de giro. De todas formas, cresceu a participação percentual dos embarques de produtos semi-acabados e acabados, de maior valor agregado. Dos couros exportados no período, 73,6% (em valor) e 57,3% (em volume) o foram com maior valor agregado, mantendo o processo evolutivo da agregação de valor nas exportações de couro.

Com base nos dados da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango (Abef), as exportações brasileiras de carne de frango totalizaram 538 mil toneladas nos primeiros dois meses de 2009, uma queda de 5,2% em relação ao mesmo período do ano passado. Esse volume representou receita de 710 milhões de dólares, queda de 28,2% ante 2008, informou a entidade, destacando que o mês de fevereiro teve três dias úteis a menos. Para o mês de março, a entidade destacou que os volumes e os preços nas negociações que já estão em curso apontam para um patamar melhor para as exportações, o que indica uma recuperação a partir do segundo trimestre. O Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo.

Os estoques de fertilizantes no Brasil, que atingiram níveis altíssimos no final do ano passado, já estão em patamares bem mais baixos após um movimento de queima de estoques por parte das empresas de insumos, que reduziram os preços, incentivando o uso do produto na safrinha de milho do centro-sul brasileiro. Agora, as empresas estão evitando fazer estoques, comprando apenas a matéria-prima para atender a demanda no curto prazo. No segundo semestre de 2008, antes de a crise financeira afetar os preços das commodities e acentuar o problema da oferta de crédito, as empresas de fertilizantes do Brasil trabalhavam com a expectativa de vendas recordes e fizeram elevadas reservas. Com o recuo da demanda, sobrou adubo nos armazéns e muitas tiveram de fazer verdadeiras liquidações, com o preço de alguns produtos caindo mais da metade.

Reunindo, entre outros, estes resultados para o campo, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 284 milhões na primeira semana do mês, resultado de exportações que somaram US\$ 2,682 bilhões (com média diária de US\$ 536,4 milhões) e de importações em US\$ 2,398 bilhões (cuja média diária foi de US\$ 479,6 milhões). Mesmo com o superávit, as exportações continuam apresentando queda na comparação com o mesmo mês do ano passado (-14,9% pelo critério da média). O mesmo acontece para as importações, que também melhoraram na margem (10,7%), mas continuam com forte queda interanual, -17,5%. Cabe destacar o bom comportamento do saldo exceto petróleo, que registrou superávit de US\$ 35,7 bilhões em termos anualizados e dessazonalizados. A alta na margem das exportações foi puxada pelo aumento nas vendas de minério, soja e manufaturados. Pelo lado das importações, o destaque ficou por conta da forte queda nas compras de fertilizantes, equipamentos mecânicos e automóveis.

O fluxo cambial, que é a entrada e saída de moeda estrangeira do país, voltou a ficar negativo em março. Segundo o BACEN, na primeira semana do mês o saldo está negativo em US\$ 676 milhões, depois de fechar fevereiro com superávit de

US\$ 841 milhões. No ano, o fluxo tem déficit acumulado de US\$ 2,853 bilhões. O principal motivo para o resultado no vermelho veio da conta financeira, por onde passam as transações com ações, títulos e remessas de lucros e dividendos, que apresentou perdas líquidas de US\$ 1,933 bilhão entre os dias 2 e 6 passados. As compras, no período, somaram US\$ 3,571 bilhões e as vendas, US\$ 5,505 bilhões.

Finalmente, conforme informou o IBGE, a necessidade de financiamento da economia nacional (saldo entre captação e pagamento de compromissos com o resto do mundo) foi de R\$ 57,1 bilhões em 2008. Isso significa que o Brasil pagou em compromissos no exterior R\$ 57,1 bilhões a mais do que captou. Em 2007, a necessidade de financiamento correspondeu a R\$ 5,5 bilhões. De acordo com o IBGE, o resultado do ano passado se deve principalmente à piora da balança de bens e serviços, cujo saldo diminuiu em R\$ 35,2 bilhões. Além disso, a remessa de recursos ao exterior subiu em R\$ 17,1 bilhões. A renda nacional bruta somou R\$ 2,817 trilhões em 2008, contra R\$ 2,542 trilhões dos 12 meses antecedentes (a renda nacional bruta representa o PIB, acrescido de rendas de propriedades recebidas do resto do mundo e descontadas rendas ou remuneração que são enviadas para não-residentes no país). No mesmo confronto, a poupança bruta saiu de R\$ 453,7 bilhões para R\$ 488 bilhões (a poupança bruta é constituída pela renda, após descontos de transferências para o exterior e acréscimos de transferências vindas de fora, que não é gasta em consumo).

## **Mercado Financeiro**

Em uma semana de resultados positivos, o que se viu foi mais uma vez a forte presença da volatilidade, com oscilações entre positivo e negativo ao longo do dia e de um dia para o outro. Nas semanas anteriores o setor financeiro puxou as bolsas para baixo, esta semana puxou para cima graças a boas notícias dos bancos (Citi e Bank of America, principalmente) que disseram não precisar recorrer aos recursos do Tarp (recursos de ajuda ao setor do primeiro plano econômico norte-americano) e da GM, que da mesma forma dispensou a ajuda governamental. Em um ambiente volátil como o que temos assistido este ano esta semana não significa que teremos uma tendência de alta daqui pra frente, notícias ruins levarão as bolsas de volta pra baixo, mas o importante é que fechamos a semana com notícias boas.

Só para termos uma idéia do que temos enfrentado este ano, um levantamento da consultoria Economatica determinou que o valor de mercado das empresas brasileiras com ações negociadas em bolsa de valores encolheu 2,4% (ou US\$ 13,4 bilhões) em 2009, até o dia 9 de março. Segundo o levantamento, o valor das empresas recuou de US\$ 558,268 bilhões, no encerramento de 2008, para R\$ 544,852 bilhões até a última segunda-feira. A queda de valor registrada no Brasil é menor que a média da América Latina, que aponta redução de 9,7%, com valor de mercado recuando de US\$ 1,087 trilhão, para US\$ 981,751 milhões. Entre os pares da região, o Brasil perde para Venezuela e Chile, onde o valor de mercado subiu 9,9% e 4,4%, respectivamente, dentro do período analisado. Mas apresenta desvalorização menor que a observada no Peru (-3,8%), Colômbia (-12,3%), México (-29,1%) e Argentina (-35,5%).

Entre as empresas da região, o destaque fica com a Petrobras, que viu seu valor de mercado aumentando em US\$ 11,54 bilhões, ou 12%, para US\$ 107,386 bilhões, contra US\$ 95,846 milhões no final de 2008. A mineradora Vale do Rio Doce teve aumento de US\$ 3,2 bilhões no valor de mercado, que era de US\$

61,75 bilhões até o dia 9 de março. Atenção também para a Aracruz, cujo valor de mercado aumentou em US\$ 1,6 bilhão, para US\$ 3 bilhões e, apesar de menor em valor absoluto se comparado a Petrobras e Vale, tal montante representa um crescimento de 115% sobre o registrado no final de 2008.

No lado contrário, a empresa que mais perdeu valor de mercado em termos nominais foi a mexicana América Movil: foram US\$ 11,2 bilhões perdidos entre o final de 2008 e o início da semana. Entre as brasileiras, os bancos foram o que mais sofreram: o Itaú vale 15,4% menos, ou US\$ 6,376 bilhões, em comparação com o final de 2008. O valor de mercado da instituição estava em US\$ 35,123 bilhões até o dia 9. Já o valor de mercado do Bradesco, recuou de US\$ 27,965 bilhões, para US\$ 24,313 bilhões: baixa de 13%, ou US\$ 3,652 bilhões.

Olhando a semana no detalhe, conseguimos entender melhor mais uma semana de altos e baixos.

Na segunda-feira, o principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), o Ibovespa, encerrou o dia em queda de 0,98%, aos 36.741 pontos, após operar com volatilidade, acompanhando a instabilidade das bolsas americanas. Internamente, os investidores acompanharam a divulgação de alguns indicadores econômicos, além de importantes resultados corporativos como os da Petrobrás e da Oi. A partir de segunda-feira a Bovespa retomou seu horário normal, e as negociações voltaram a abrir às 10h e a encerrarem às 17h. O mercado se mostrou cauteloso após o Banco Mundial divulgar perspectivas pessimistas sobre a economia global, e em dia fraco de indicadores lá fora, o destaque ficou por conta da compra bilionária da Schering-Plough pela farmacêutica Merck.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em queda na primeira sessão da semana, refletindo ainda a crise financeira mundial. No Japão, pela primeira vez em 13 anos, foi apresentado um déficit em conta corrente, o que fez a bolsa de Tóquio encerrar com desvalorização de 1,2%, atingindo seu menor

nível em 26 anos. Em Hong Kong, a queda de ações ligadas ao setor financeiro fez a bolsa fechar com forte queda de 4,8%.

Na Europa, as principais bolsas operaram com instabilidade na segunda-feira, devido às preocupações acerca da atual crise financeira. Entretanto, no final dos negócios, as principais bolsas de valores apresentaram alta, com exceção da França. A bolsa de Londres fechou em leve alta de 0,33%, a da Alemanha com valorização de 0,70%, enquanto que a bolsa de Paris apresentou perdas de 0,60%.

Nos Estados Unidos, as bolsas também apresentaram volatilidade. Os investidores se mostraram cautelosos diante das perspectivas pessimistas do Banco Mundial sobre a economia global, e em dia sem indicadores, destaque para a compra da Schering-Plough pela farmacêutica Merck, negócio fechado por cerca de US\$ 41,1 bilhões, pagos em dinheiro e ações.

No plano corporativo aqui no Brasil, destaque para a Petrobrás, que divulgou o seu resultado referente ao ano de 2008. No período em questão, a Petrobras anunciou que registrou lucro líquido de R\$ 33,915 bilhões em 2008, o que representou alta de 58% frente ao de 2007, que ficou em R\$ 21,512 bilhões. O resultado, que obedece às regras contábeis antigas, ficou em linha com as expectativas dos analistas. Pelo mesmo critério, a estatal encerrou o quarto trimestre de 2008 com lucro líquido de R\$ 7,355 bilhões, o que representa um aumento de 46% em relação a igual período de 2007, quando o ganho foi de R\$ 5,053 bilhões. Já em relação ao terceiro trimestre de 2008, quando atingiu, R\$ 10,8 bilhões, o lucro da estatal caiu 32,4%. Já de acordo com as novas regras contábeis brasileiras, contidas na Lei 11.638, o lucro líquido da estatal somou R\$ 32,988 bilhões, 53% superior aos R\$ 21,5 bilhões de 2007. O lucro líquido da companhia nos últimos três meses de 2008 foi de R\$ 7,3 bilhões, uma queda de 32% em relação aos R\$ 10,8 bilhões do trimestre. Por esse critério, a receita

operacional líquida da estatal atingiu R\$ 215,118 bilhões e a geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações) ficou em R\$ 57,17 bilhões. A Petrobras também divulgou que atingiu novo recorde de produção diária de petróleo, com um volume total de 2.012.654 de barris de petróleo, superando em 12.420 barris o recorde anterior, obtido em dezembro de 2007. Segundo a estatal, esse resultado se deve, principalmente, à entrada em operação, nos últimos meses, de três novas plataformas de produção na Bacia de Campos (RJ). Vale destacar também que na segunda-feira, a Petrobras e suas parceiras anunciaram a antecipação em um mês para o início da produção do campo de Akpo, na Nigéria, previsto anteriormente para abril. Segundo a estatal brasileira, o pico de produção de 175 mil barris diários será atingido no terceiro trimestre de 2009. As ações ON e PN da companhia fecharam em alta de 0,08% e 0,12%, influenciadas, principalmente, pela valorização do petróleo no mercado internacional.

Outra empresa que divulgou seu resultado para o ano de 2008 foi a Oi (ex-Telemar), que no período analisado apresentou um lucro líquido de R\$ 1,15 bilhão, um recuo de aproximadamente 50% se comparado ao ano de 2007, quando havia registrado lucro de R\$ 2,32 bilhões. As ações PN da operadora apresentaram oscilação e fecharam em alta de 0,86%, nesta segunda-feira.

As ações de empresas ligadas ao setor aéreo estiveram em evidência. Os papéis PN da Gol figuraram entre as maiores quedas do Ibovespa e as ações PN da Tam operaram em queda. Na sexta-feira, a Gol anunciou que o tráfego doméstico de passageiros sofreu uma retração de 5,1% no mês de fevereiro, ante o mês anterior. Já para o tráfego internacional o recuo foi ainda maior, cerca de 57,4% se comparado ao mês de janeiro.

A Cosan anunciou que fechou alguns contratos com sua controlada indireta Rumo Logística e a América Latina Logística (ALL) para fazer o transporte de açúcar.

Segundo o acordo, a Rumo Logística deverá investir R\$ 1,2 bilhão na malha ferroviária da ALL logística, enquanto esta deverá prestar serviços à Cosan. As ações ON da Cosan estiveram entre as maiores quedas do dia.

Liderando as maiores quedas do Ibovespa estiveram as ações PN da Votorantim e as PNB da Aracruz, que além do cenário negativo para as produtoras de celulose, a incorporação da Aracruz pela VCP afeta a volatilidade desses papéis, cuja relação de troca beneficia as ações ordinárias da Aracruz e desvalorizam as preferenciais.

Na terça-feira, a Bovespa e os mercados dos Estados Unidos fecharam em alta. Além dos dados do setor financeiro, principalmente do Citigroup, outros fatores contribuíram para a alta. Um deles foi a declaração do presidente do Fed, Ben Bernanke, defendendo uma nova regulação para o sistema financeiro americano. Aqui, a Bovespa subiu 5,59%, aos 38.794 pontos. Uma produção maior do que o esperado de aço na China em janeiro e fevereiro, da ordem de 2,4%, também ajudou o Ibovespa a recuperar parte das perdas sofridas nos últimos dias. Este foi o maior ganho do índice em um único dia desde o primeiro pregão deste ano. Nos Estados Unidos, o Dow Jones ganhou 5,8%, o S&P500 subiu 6,4% e o Nasdaq teve alta de 7,07%. Lá fora, euforia com os bancos. As ações do Citi subiram 38% e as do Bank of America ganharam 28%. O resultado negativo do PIB do quarto trimestre não influenciou o mercado, que já tinha se ajustado para um dado negativo.

Mesmo com o petróleo em queda, as ações da Petrobras valorizaram 5,33%, cotadas a 27,07 reais, um pouco abaixo da alta das preferenciais da Vale, segundo mais negociada e que, impulsionadas pela produção de aço na China, subiu 6,21%, cotada a 27,37 reais.

Ações de empresas com muita defasagem como ALL e B2W, que divulgam seus balanços na quarta e quinta-feira, respectivamente, dispararam na esteira da alta do índice.

A ALL e a Cosan firmaram na segunda-feira acordo de 1,2 bilhão de reais para ampliar a capacidade operacional ferroviária da ALL para o porto de Santos. ALL disparou 13,9%, para 9,34 reais, enquanto B2W, empresa que vende os produtos das Lojas Americanas pela Internet, saltou 11,7%, para 22,00 reais.

No mercado asiático, as bolsas fecharam com sinais opostos na terça-feira. Em Hong Kong, a melhora no desempenho das ações do setor bancário impulsionou a bolsa local, que encerrou com forte valorização de 3,1%. Já a bolsa de Tóquio, no Japão, apresentou perdas de 0,44%, fechando pela segunda sessão consecutiva no seu menor nível em 26 anos. As preocupações no Japão têm relação com a competitividade externa do setor farmacêutico do país, após a divulgação da fusão bilionária de duas gigantes norte-americanas do mesmo setor.

Na Europa, o dia foi de ampla recuperação para as bolsas, a exemplo de movimento verificado também em Nova York. A valorização de ações do setor bancário e automotivo respondeu por boa parte do ganho dos principais índices da região. O londrino FTSE-100 fechou aos 3.715 pontos, em alta de 4,88%. O DAX, de Frankfurt, viu alta de 5,28%, para 3.886 pontos. Em Paris, o CAC 40 registrou aumento de 5,73% e encerrou com 2.663 pontos. A justificativa para ressuscitar os índices do menor patamar em 12 anos veio da melhora da indicação para os papéis do Barclays e da Daimler. As ações do BNP Paribas fecharam com alta de 20,72% e as do HSBC ganharam 14,33%. O Barclays viu suas ações saltar 9,93% após o Credit Suisse melhorar a recomendação para os papéis do banco inglês para "acima da média". Em Frankfurt, as ações da Daimler também tiveram melhora de recomendação por parte do Morgan Stanley, que elevou de "abaixo da média" para "acima da média": os papéis da montadora fecharam com alta de 11,25% em Frankfurt. Acompanharam o movimento as

ações da Peugeot, que subiram 10%, da Renault, que avançaram 14,18% em Paris e da Porsche, que ganharam 12,64% na bolsa alemã.

As bolsas de valores dos Estados Unidos tiveram o melhor dia em quatro meses, depois que o Citigroup informou que foi lucrativo no primeiro bimestre. Ações do setor financeiro subiram 15%. O mercado também se animou a sair dos níveis mais baixos em 12 anos depois que um parlamentar afirmou que espera o restabelecimento de regras que limitam as vendas a descoberto.

No cenário corporativo aqui no Brasil, as atenções voltaram-se à divulgação de balanços do quarto trimestre de 2008. A incorporadora Gafisa encerrou o quarto trimestre de 2008 com prejuízo líquido de R\$ 12,6 milhões, resultado que contrasta com ganho líquido de R\$ 49,5 milhões obtido em igual período de 2007. No entanto, em todo o ano de 2008, a companhia garantiu lucro de 110 milhões, alta de 19% sobre os R\$ 92 milhões registrados em 2007. Descontando ajustes contábeis, despesas extraordinárias e reestruturações, o ganho no ano passado seria de R\$ 171,3 milhões, e o resultado do quarto trimestre ficaria em R\$ 56,9 milhões. Entre outubro e dezembro do calendário passado, a receita líquida apontou crescimento de 64%, somando R\$ 624 milhões. Em todo 2008, as vendas subiram 45%, para R\$ 1,74 bilhão. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização, na sigla em inglês) caiu para R\$ 33,6 milhões no quarto trimestre de 2008, contra R\$ 49,4 milhões em igual período do ano anterior. A margem ficou em 5,4%, perante 11,4%. Para o exercício completo, o Ebitda avançou 61%, somando R\$ 221 milhões, com margem de 12,7%. A empresa encerrou o trimestre final de 2008 com R\$ 1,24 bilhão em dívidas e obrigações com investidores e um caixa de R\$ 605 milhões. Os lançamentos, considerando apenas a Gafisa, recuaram 28% no trimestre, para R\$ 746 milhões, enquanto as vendas contratadas caíram 8,3%, para R\$ 607 milhões. Já durante todo o ano, os lançamentos subiram 87,6%, para R\$ 4,19 bilhões, e as vendas contratadas avançaram 58,5%, para R\$ 2,57 bilhões.

A Friboi informou, logo após o encerramento do pregão, que o seu conselho de administração aumentou a proposta de distribuição de dividendos do ano de 2008, de R\$ 51,1 milhões para R\$ 102,3 milhões. As ações ON do frigorífico encerraram o dia entre as maiores valorizações do Ibovespa, com alta de 10,49%.

As ações da Vale também se sobressaíram nas negociações. Os preços dos metais básicos negociados no exterior avançaram e indicações de que a China está comprando mais deste tipo de "commodity" impulsionaram os papéis ON e PNA da mineradora brasileira, que encerraram o dia em alta de 7,41% e 6,21%, respectivamente.

A Petrobras informou, na noite da segunda-feira, após o fechamento da Bovespa, que formou uma comissão interna para apurar vazamento de informações relativas aos resultados do quarto trimestre e do exercício de 2008. As ações ON e PN da estatal encerraram o dia com alta de 1,73% e 5,33%, respectivamente.

A Justiça Federal concedeu liminar em ação cautelar proposta pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e o Ministério Público Federal, bloqueando a venda de ações preferenciais (PN, sem direito a voto) da Suzano Petroquímica adquiridas antes do anúncio da venda do controle da companhia para a Petrobras, na última sexta-feira, e vendidas após a divulgação da operação. A liminar, concedida pela Juíza Federal da 23ª Vara do Rio de Janeiro, bloqueou ainda a liquidação de operação a termo realizada com ações da Suzano Petroquímica. A Petrobras comprou na última sexta-feira, dia 3 de agosto, a Suzano Petroquímica, pelo preço total de R\$ 2,7 bilhões.

Ainda sobre a Petrobras, a queda do preço do petróleo fez despencar o lucro operacional da área de Exploração e Produção da Petrobras, principal setor da companhia e responsável pela maior parte do seu faturamento. Segundo dados

detalhados na terça-feira pelo diretor financeiro da companhia, Almir Barbassa, o lucro operacional com E&P caiu de 16,6 bilhões de reais no terceiro trimestre para 7,9 bilhões de reais de outubro a dezembro.

A distribuidora de medicamentos Profarma encerrou 2008 com lucro líquido de R\$ 31,64 milhões, o que representa uma queda de 32,7% em relação a 2007, quando o ganho somou R\$ 47 milhões. O agravamento da crise financeira obrigou muitas empresas do setor a conceder descontos a seus clientes, o que acabou afetando o desempenho anual da Profarma. Diante deste quadro, a companhia viu cair em 61,4% o seu lucro líquido referente ao quarto trimestre do ano passado, para R\$ 6,53 milhões. Com relação à receita líquida, a Profarma contabilizou em 2008 a cifra de R\$ 2,53 bilhões, um crescimento de 11,7%, também na comparação anual. Quase no mesmo ritmo, o custo das mercadorias vendidas avançou 12,8%, para R\$ 2,31 bilhões. Já as despesas operacionais avançaram menos, 5,36%, fechando o exercício em R\$ 147,4 milhões. Essa relação ajudou a geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações), que cresceu 1,9%, para R\$ 78,7 milhões. Já o resultado das operações financeiras prejudicou a Profarma: ficou negativo em R\$ 32,8 milhões no ano passado, uma piora de 79% ante 2007, quando a perda contabilizada foi de R\$ 18,3 milhões.

Com salto importante nas receitas e controle dos custos e despesas, a Eternit encerrou 2008 com lucro líquido consolidado de R\$ 81,2 milhões, alta de 86% em relação ao exercício anterior, quando o ganho somou R\$ 43,7 milhões. Pelos mesmos motivos, o lucro no quarto trimestre cresceu 15% ante igual intervalo de 2007, para R\$ 26,1 milhões. No acumulado do ano passado, a companhia contabilizou R\$ 544,2 milhões em receita líquida, cifra que supera em 36% aquela verificada em 2007. No mesmo intervalo de comparação, o custo dos produtos vendidos cresceu 25%, para R\$ 301,5 milhões. Já as despesas operacionais avançaram apenas 12%, fechando o ano em R\$ 127,45 milhões.

Além da boa performance operacional, a Eternit melhorou seu resultado financeiro, que passou de uma cifra negativa de R\$ 16,4 milhões em 2007 para uma perda de R\$ 12,4 milhões no ano passado. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações) avançou 83%, para 133,37 milhões. Com isso, a margem Ebitda, que mede a relação entre geração de caixa e receita, saltou de 18% para 25%.

Os papéis ligados ao setor bancário também estiveram em evidência nesta sessão. A notícia internacional de que o Citigroup deverá registrar lucro já no primeiro trimestre deste ano, animou o setor no mundo todo. Desta forma, as ações PN do Itaú, PN do Bradesco e units do Unibanco encerraram em alta de 6,32%, 6,02% e 7,23%, respectivamente. As ações PN da Itaúsa, controladora do Itaú, também seguiram este movimento e figuraram entre as maiores altas do Ibovespa.

O BACEN aprovou na terça-feira a compra da Nossa Caixa pelo Banco do Brasil (BB), mas fez algumas exigências que devem beneficiar os clientes. Entre elas, o alinhamento de preços dos chamados serviços prioritários, como extratos e transferências de valores, às tarifas do BB. Caso houver uma tarifa menor na Nossa Caixa, ela será mantida. O BB comprou a Nossa Caixa, até então controlada pelo governo de São Paulo, em novembro de 2008 numa operação que movimentou R\$ 5,3 bilhões. Apesar da investida, o BB ainda não conseguiu recuperar a liderança no mercado bancário nacional, perdida no ano passado depois da fusão do Itaú com o Unibanco. O BACEN concluiu que a operação não traz risco ao Sistema Financeiro Nacional (SFN), mas condicionou a sua aprovação a uma série de restrições. O BB terá 15 dias, após a transferência efetiva das ações da Nossa Caixa, para realinhar os preços das tarifas de serviços prioritários. E, nos próximos cinco anos, o banco também não poderá aumentar

esses preços acima da média das tarifas cobradas, pelos mesmos serviços, pelos cinco maiores bancos do país.

As "units" da ALL lideraram o pregão de hoje com alta de 13,90%, ainda reagindo à notícia do contrato de longo prazo firmado entre a Cosan e sua controlada indireta Rumo Logística, para transporte de açúcar a granel e outros derivados.

No plano corporativo internacional, a EADS, controladora da fabricante de aviões Airbus, apresentou elevação de 89% no lucro líquido do quarto trimestre de 2008, impulsionado por mais entregas de helicópteros e aviões. O ganho ficou em 490 milhões de Euros nos três últimos meses do ano passado perante os 259 milhões de Euros de um calendário atrás. Em 2008 como um todo, o lucro líquido correspondeu a 1,572 bilhão de Euros, invertendo a direção tomada nos 12 meses antecedentes, de prejuízo de 446 milhões de Euros. A receita somou 43,265 bilhões de Euros, passando os 39,123 bilhões de Euros de 2007.

O presidente-executivo do Citigroup, Vikram Pandit, anunciou que o banco foi lucrativo nos dois primeiros meses de 2009 e está confiante sobre a força de seu capital, reduzindo as preocupações sobre as perspectivas de sobrevivência da instituição debilitada. O Citigroup teve lucro de 2,2 bilhões de dólares no período entre julho e setembro de 2007. As ações do Citigroup subiam 27 centavos, ou 25,7%, para 1,32 dólares nos primeiros negócios, após terem chegado a cair na semana passada abaixo de 1 dólar pela primeira vez.

A americana United Technologies anunciou o corte de 11,6 mil postos de trabalho, como parte de um plano de reestruturação que monta a US\$ 750 milhões. A companhia, que entre outras coisas fabrica os elevadores Otis e os aparelhos de ar-condicionado Carrier, alertou que sua receita em 2009 deverá ficar US\$ 2,7 bilhões menor do que o valor projetado em dezembro do ano passado. Em meio à desaceleração dos mercados em que atua, a companhia informou em 2008 que esperava uma recuperação econômica para o segundo

semestre deste calendário, o que agora parece pouco provável. As demissões anunciadas irão abranger, em um primeiro momento, as áreas administrativa e de vendas. Além disso, demissões adicionais poderão ocorrer nas áreas ou mercados onde a demanda por produtos da empresa estiver mais afetada. Somadas, as demissões comunicadas nesta terça-feira e no ano passado já chegam a 18 mil pessoas, ou cerca de 8% da força de trabalho da companhia, que, em dezembro último, empregava 223,1 mil trabalhadores. A United Technologies reviu sua estimativa de ganho por ação em 2009 para entre US\$ 4 e US\$ 4,50 enquanto analistas estavam na espera de um lucro de US\$ 4,30 a US\$ 4,95.

O banco Santander anunciou a compra da Real Tokio Marine Vida e Previdência por R\$ 678 milhões. Com a aquisição, o Santander passa a ser o quarto maior no mercado de previdência complementar, com reservas de R\$ 11 bilhões, e o quinto em vida. Considerando o setor de seguros como um todo, passa a ser um dos dez maiores, com prêmios de R\$ 1,3 bilhão ao ano.

Após reverter um prejuízo e fechar 2008 com lucro de quase R\$ 10 milhões, a CSU CardSystem avalia que a crise não irá afetar seriamente seus principais mercados, que são o processamento de operações com cartões de crédito e a gestão de call centers. Além de aumentar a receita líquida em 14%, para R\$ 363,6 milhões, a companhia manteve controlados os custos, que avançaram 6,1%, para R\$ 290 milhões. Já as despesas operacionais teriam caído 3,1%, não fosse a reestruturação. Com o desembolso, cresceram 5,1% ante 2007, para R\$ 65,2 milhões. A performance operacional acabou refletida na geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações), que ficou em R\$ 64,4 milhões, uma alta de quase 90% contra o exercício anterior.

Contrariando a onda de resultados corporativos pessimistas nos Estados Unidos, a rede de supermercados norte-americana Kroger anunciou um crescimento de

8% nos lucros relativos ao quarto trimestre do ano passado, na comparação com o mesmo período do ano anterior. O lucro líquido da Kroger foi de US\$ 349 milhões no período, ou US\$ 0,53 por ação, sendo que, em 2007, a empresa tinha acumulado US\$ 323 milhões (US\$ 0,48 por ação). Com relação às vendas totais, o montante ficou em US\$ 17,3 bilhões, com destaque para os produtos de marca própria, que atingiram o recorde de 35% das unidades de mercearia vendidas. A companhia informou ainda, que projeta uma continuidade do crescimento e prevê um lucro de US\$ 2 a US\$ 2,05 por ação nos 12 meses que vão até janeiro de 2010.

O grupo EBX, controlador das empresas OGX, LLX e MMX, entre outras, se prepara para lançar, ainda este ano, um fundo de private equity com recursos entre US\$ 5 bilhões e US\$ 10 bilhões para investir em projetos no Brasil, Chile e Colômbia. De acordo com o dono do grupo EBX, o empresário Eike Batista, os principais focos do fundo serão setores como estaleiros, infra-estrutura para exportação de combustíveis e unidades de tancagem nos portos brasileiros. Batista, que participou de palestra promovida pela Câmara Britânica, lembrou que a OGX terá nos próximos anos a necessidade de encomendar de seis a oito plataformas do tipo FPSO (floating, production, storage and offloading) para operar nos campos da companhia no litoral brasileiro.

Na quarta-feira a Bovespa abriu em alta pela euforia de terça-feira, depois os mercados americanos caíram e a nossa bolsa acompanhou o movimento. A queda aumentou com a notícia do aumento do estoque do petróleo, que baixou o preço da commodity e levou junto as ações da Petrobras. No fim do dia, o Dow Jones subiu, mas os investidores aqui preferiram ficar em compasso de espera pela decisão do Copom e a Bovespa só fechou em leve alta de 0,03%, aos 38.804 pontos.

O petróleo (-6,58%) e o cobre (-3,38%) tiveram forte queda e isso afetou o índice Ibovespa, que tem forte peso de empresas mineradoras, siderúrgicas e

petrolíferas. A queda do petróleo está relacionada com a queda nas exportações e importações da China. Com expectativa de menos compra por parte do governo chinês, o preço do barril cedeu.

Nos Estados Unidos, o Dow Jones subiu 0,06%, o S&P500 ganhou 0,24% e o Nasdaq teve alta de 0,98%. Na bolsa americana, a leve alta foi motivada por notícias do setor financeiro. O CEO do JP Morgan, James Dimon, disse que o banco também teve lucro no bimestre, o que já tinha sido anunciado pelo Citigroup nesta semana. Além disso, o chefe do escritório que gerencia o Tarp, disse que os bancos não estão utilizando os recursos da segunda parcela de US\$ 350 bilhões.

No setor de tecnologia, o destaque foi a alta de 5,8% nas ações da Hewlett-Packard (HP): os analistas do banco UBS recomendaram a compra dos papéis, vislumbrando rentabilidade no longo prazo.

A maioria das praças acionárias da Europa terminou a sessão com valorização. Com destaque para as ações de bancos, seguradoras e montadoras. Entre os papéis que encerraram com alta, apareceram os da Aviva, da AXA, do Deutsche Bank, da Xstrata, da Anglo American, da Rio Tinto, da Peugeot, da Renault e da Daimler. As ações do Banco Popolare subiram 16% após anunciar na terça-feira que seria a primeira instituição a buscar ajuda por meio de um programa organizado pelo governo italiano. Em Londres, o FTSE-100 encerrou aos 3.693,81 pontos, com queda de 0,58%. O CAC-40, de Paris, aumentou 0,39%, aos 2.674,20 pontos. Em Frankfurt, o DAX marcou valorização de 0,70%, alcançando 3.914,10 pontos. O índice europeu de blue chips, o Eurofirst300, registrou 0,25% de alta, aos 692 pontos.

A maior parte das bolsas asiáticas fechou em alta na quarta-feira, seguindo a recuperação das principais praças financeiras do mundo na véspera, que reagiram positivamente a notícia de que o Citigroup voltaria a registrar lucro no primeiro trimestre de 2009. Entretanto, a divulgação do superávit comercial chinês que

despencou, derrubou a Bolsa de Valores de Xangai, que fechou em queda de 0,91%. Já a bolsa de valores de Tóquio apresentou forte alta de 4,55% e a bolsa de valores de Hong Kong encerrou com valorização de 2,02%. As ações da Toshiba dispararam 9,5%, após o principal jornal de negócios japonês ter publicado que a companhia provavelmente terá um lucro operacional de 1 bilhão de dólares no próximo ano comercial, em contraste com expectativas de prejuízo calculadas por analistas.

No plano corporativo aqui no Brasil, os resultados referentes ao ano de 2008 continuam atraindo os investidores. A CCR Rodovias reportou um lucro líquido de R\$ 713,59 milhões no período em questão, uma alta de 23,10% se comparado com o ano de 2007, cujo montante foi de R\$ 579,68 milhões.

No ano seguinte ao caos aéreo e a uma CPI no Senado que investigou indícios de corrupção em suas administrações anteriores, a Infraero voltou ao azul. A Infraero apresentou lucro líquido de R\$ 154,4 milhões em 2008, o primeiro em quatro anos. Foram decisivos no resultado financeiro o aumento das atividades operacionais e a retração de 30% nos investimentos. Os quatro principais projetos de expansão tocados pela Infraero, nos aeroportos de Guarulhos, Vitória, Goiânia e Macapá, foram paralisados por determinação do Tribunal de Contas da União. O lucro antes dos investimentos cresceu 42% e fechou o ano passado em R\$ 372,7 milhões. A Infraero não é dona dos aeroportos que administra. Todo o sistema de pistas, pátios e terminais, pertence à União. Os investimentos são contabilizados como despesas e, por isso, o lucro líquido sempre cai. Mas o indicador melhorou bastante na comparação com 2007, quando foi registrado um prejuízo de R\$ 76,3 milhões. O diretor-financeiro da Infraero, Mauro Roberto Pacheco de Lima, explicou que a queda dos investimentos não é por falta de dinheiro. A estatal iniciou projetos considerados prioritários, como a conclusão do segundo terminal de passageiros do Galeão a desapropriação de áreas em

Viracopos (Campinas) para a construção da segunda pista. Em 2008, foram investidos R\$ 399 milhões, dos quais R\$ 278 milhões em recursos próprios- em dois anos, houve queda de quase 62%. Mas, com o reforço de caixa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a Infraero conta com R\$ 1,4 bilhão para gastar em 2009.

No setor de construção, a Rodobens Negócios Imobiliários divulgou um lucro líquido de R\$ 82,82 milhões no ano de 2008, apresentando um forte avanço de 163,86% ante o mesmo período do ano anterior.

Já o Banco Amazônia anunciou um lucro líquido de R\$ 215,85 milhões no acumulado do ano de 2008, apontando uma alta de 20,07% quando comparado ao lucro de R\$ 179,77 milhões registrado no ano anterior.

A CPFL Energia divulgou que recebeu o aval da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para começar a produzir uma família de transformadores elétricos de baixa tensão "verdes". Trata-se de um equipamento de baixa tensão que usa óleo vegetal no lugar do óleo mineral. Essa substituição irá aumentar em até 80% a vida útil dos equipamentos e minimizar o impacto de vazamentos no meio ambiente. Segundo a companhia, a produção deve ter início assim que forem finalizadas as últimas etapas da pesquisa, dentro de seis meses.

A Perdigão informou que ainda não foi notificada pela Coréia do Sul sobre a devolução de uma carga de 23,5 toneladas de carne de frango congelada. Segundo informações de agências internacionais, as autoridades sul-coreanas informaram ter encontrado vestígios de um antibiótico proibido na produção de frango, no carregamento procedente do Brasil e que pertenceria à companhia. A companhia brasileira, por meio de nota enviada ao mercado, assegurou que a substância não é utilizada no processo de criação de aves destinadas a suas linhas de produção.

No plano corporativo internacional, o UBS informou que seu lucro continua sob risco por causa da exposição da instituição a mercados com pouca liquidez e voláteis. O banco ainda aumentou o prejuízo líquido sofrido em 2008, o maior da história da Suíça, para incluir perda com uma grande multa aplicada pelos Estados Unidos e registro de novas baixas contábeis. O UBS, que está trabalhando para reconstruir sua reputação depois de ter sido duramente atingido pela crise, informou que o prejuízo líquido de 2008 aumentou para 20,9 bilhões de francos suíços (18,06 bilhões de dólares), ante o número anteriormente divulgado de 19,7 bilhões de francos. O banco ainda informou que espera tempos difíceis adiante.

As ações das montadoras francesas Renault e PSA Peugeot Citroën registraram forte alta na quarta-feira, em meio a rumores de mercado sobre uma possível fusão. Um porta-voz da PSA Peugeot Citroën se recusou a comentar o assunto, enquanto um analista afirmou que um acordo entre ambas as montadoras é improvável.

Na quinta-feira, o movimento de realização de lucros da manhã foi substituído por um certo otimismo na Bovespa ao longo do dia, mas sem a euforia das bolsas norte-americanas animadas com a alta do petróleo e notícias sobre o setor bancário e a GE. Sem notícias relevantes por aqui e com o menor peso das instituições financeiras no principal índice da bolsa paulista, o mercado ficou meio de lado, sem tomar um rumo, melhorando um pouco no final do dia. Com isso, o Ibovespa encerrou o dia em alta de 0,89%, cotado a 39.151 pontos, com volume financeiro de 4,15 bilhões de reais. A proximidade do vencimento de opções na próxima semana e notícias pouco otimistas para os principais papéis da Bovespa, Petrobras e Vale, foram os motivos apontados por analistas para o comportamento inferior a Wall Street.

As ações da Petrobras, mais líquidas do mercado brasileiro, subiram 1,25%, apesar da alta de 11% do petróleo, depois que o presidente da companhia, José

Sérgio Gabrielli, disse que os preços da gasolina e do diesel poderiam ser reduzidos. A Vale apresentou queda de 1,38%, devido a perspectivas menos positivas do que nos últimos pregões em relação à demanda por minério da China, após divulgação de um crescimento menor do que esperado para a produção industrial do país asiático. Os papéis da VCP, do setor de papel e celulose, foram destaques de alta com 7,6%, enquanto ações do setor elétrico, que vinham subindo nos últimos dias, foram alvo de realização, como Eletrobras, em queda de 0,4%, Cesp, com menos 1,1%, e Copel, desvalorizada em 1,4%.

No mercado asiático, as bolsas de valores apresentaram comportamentos distintos nesta quinta-feira, mas o tom de cautela, devido às preocupações com a crise econômico-financeira global, continuou presente entre os investidores. No Japão, a bolsa de valores fechou em queda de 2,41% e em Hong Kong, na China, a valorização foi de 0,59%.

As bolsas da Europa encerraram em alta pela terceira sessão consecutiva, motivadas por ações do setor de varejo que subiram após resultados positivos da Morrison e da Delhaize. O setor farmacêutico também apresentou ganhos, diante de novas aquisições. O índice FTSEurofirst 300 avançou 0,61%, para 696 pontos. O indicador ainda acumula perdas de 16% neste ano, depois de ter despencado 45% em 2008. O índice STOXX 600 subiu 0,67%, para 167 pontos, impulsionado pelos ganhos dos setores de companhias farmacêuticas, varejo e financeiro. O Carrefour, segunda maior rede de varejo do mundo, subiu 5,7%, após ter anunciado planos de reduzir os preços e os custos para combater o declínio econômico. Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 0,49%, a 3.712 pontos. O DAX, de Frankfurt, ganhou 1,08%, para 3.956 pontos. Houve alta de 0,75% em Paris, 2,14% em Milão, 1,88% em Paris e 1,01% em Lisboa.

As bolsas de valores de Wall Street fecharam em alta pelo terceiro dia seguido na quinta-feira, aliviadas pelo fato de o corte do rating de crédito da General Electric

ter sido de somente um ponto e pela percepção de que novas reduções não devem acontecer. Ao mesmo tempo, dados mostraram alguma estabilização nos gastos dos consumidores. O índice Dow Jones, referência da bolsa de Nova York, fechou em forte alta de 3,46%, a 7.170 pontos. O termômetro de tecnologia Nasdaq saltou 3,97%, para 1.426 pontos. O índice Standard & Poor's 500 disparou 4,07%, a 750 pontos. As ações da GE, nona maior empresa do S& P 500, saltaram quase 13 %.

No plano corporativo aqui no Brasil, a temporada de balanços corporativos continua em ênfase no mercado. A maior fabricante de papéis para embalagens do Brasil, Klabin, registrou uma melhora operacional no quarto trimestre do ano passado, mas seu resultado final recuou para o vermelho diante da desvalorização de 22 % do real frente ao dólar no período. Como resultado da brusca variação do câmbio, a companhia incorreu em uma perda contábil de variação cambial líquida de 477 milhões de reais, o que empurrou a linha final do balanço do quarto trimestre para um prejuízo de 314 milhões de reais após perda de 256 milhões de reais no período de julho a setembro. Nos três últimos meses de 2007, a companhia teve um lucro líquido de 53 milhões de reais, já ajustado pela vigência de nova legislação contábil que entrou em vigor no final do ano passado. A companhia teve geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) de 242 milhões de reais, mais que o dobro do resultado do quarto trimestre de 2007, quando havia sido de 108 milhões de reais. A margem saltou de 16 para 30% no período. Porém, se forem excluídos os ajustes das novas regras contábeis, a melhora do desempenho foi menos intensa, mas ainda sim expressiva: ganho de 45% no Ebitda, enquanto a margem aumentou quatro pontos para 25%. A empresa encerrou 2008 com um prejuízo de 349 milhões de reais revertendo ganho de 604 milhões de reais de 2007. As ações PN da empresa fecharam em queda de 1,79%.

O grupo Ultra, que atua principalmente na distribuição de combustíveis e de gás de cozinha, lucrou R\$ 77 milhões no quarto trimestre de 2008, uma queda de 7% sobre igual período do ano anterior e 34% a menos do que no terceiro trimestre. A receita líquida do grupo, que inclui as marcas Ipiranga e Ultragaz, avançou 19% no último trimestre do ano em relação ao quarto trimestre de 2007, para R\$ 7,7 bilhões. O mercado de gás cresceu apenas 1% no último trimestre, enquanto as vendas de combustíveis do grupo evoluíram 5%, em razão do crescimento da frota de veículos e melhorias operacionais do grupo. O Ultra informou que fará R\$ 528 milhões em investimentos em 2009, excluindo novas aquisições.

A fabricante de bens de consumo Hypermarchas encerrou o quarto trimestre de 2008 com prejuízo líquido de R\$ 153 milhões, perda que contrasta com ganho de R\$ 1,3 milhão registrado em igual período do ano passado. Em todo 2008, a companhia perdeu R\$ 208 milhões, revertendo ganho de R\$ 58,8 milhões obtido em 2007. Pelo conceito caixa, que exclui amortização de ágio, variação cambial e despesas não recorrentes, a companhia registra lucro de R\$ 71,7 milhões no trimestre, e ganho de R\$ 280 milhões em 2008. Entre outubro e dezembro, a receita líquida da companhia subiu 70%, somando R\$ 456 milhões. No ano, o crescimento nas vendas foi de 59%, para R\$ 1,33 bilhão. Segundo a Hypermarchas, tal resultado reflete a estratégia de crescimento da companhia, que combina aquisições de empresas e marcas e com crescimento orgânico de seus negócios. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) teve crescimento de 57% no trimestre, para R\$ 94,4 milhões. Em 2008, o Ebitda somou R\$ 313 milhões, alta de 70%. O endividamento líquido da empresa no encerramento de 2008 era de R\$ 1,166 bilhão. Sendo R\$ 872 milhões referentes a parcelamentos de aquisições. O restante devido são R\$ 444 milhões em empréstimos e R\$ 150 milhões em disponibilidades.

Já a Ultrapar Participações anunciou um crescimento de 114,56% em seu resultado no ano de 2008, quando comparado com o ano anterior, alcançando o montante de R\$ 390,27 milhões. Em 2007, o lucro líquido da empresa somou R\$ 181,89 milhões. Avaliando apenas o quarto trimestre de 2008, a empresa lucrou R\$ 79 milhões, valor bem abaixo do que estava sendo projetado pelos analistas.

A Embraer reiterou que irá manter as demissões dos 4.270 funcionários, anunciada em fevereiro. A Embraer chegou a citar ainda que a suspensão das demissões impede que os ex-funcionários utilizem os recursos de seu FGTS.

A Petrobras foi notificada pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) sobre o vazamento de informações referentes ao resultado no quarto trimestre de 2008. A CVM questiona à estatal brasileira sobre a circulação de um documento, o qual a empresa chama de "relatório de mercado financeiro", que foi divulgado por volta das 16h na sexta-feira passada, antes do encerramento dos negócios na Bovespa.

As ações ON e PNA da Vale fecharam em queda de 1,74% e 1,38%, respectivamente, com os investidores se mostrando cautelosos e ansiosos sobre a negociação, que ainda será feita pela mineradora, relativa aos preços do minério de ferro com a China.

Em mais um reflexo da crise, o fundo de pensão Previ, dos funcionários do Banco do Brasil, registrou perdas de R\$ 26,6 bilhões em 2008, reduzindo à metade o superávit acumulado nos últimos anos, que ficou positivo em R\$ 26,3 bilhões. Em 2007, o patrimônio acumulado era de R\$ 52,9 bilhões. Vale destacar que o fundo de pensão, em 2008, tinha 60% do seu patrimônio em renda variável.

No plano corporativo internacional, a varejista francesa Carrefour terminou o ano de 2008 com lucro líquido quase 45% mais enxuto, de 1,271 bilhão de Euros, perante os 2,299 bilhões de Euros somados um ano antes. O resultado foi afetado

por despesas não-recorrentes. A receita total somou 88,225 bilhões de Euros no calendário passado, excedendo em 5,9% os 83,295 bilhões de Euros registrados em 2007. Livre de impostos, as vendas atingiram 86,966 bilhões de Euros ante os 82,148 bilhões de Euros de um ano antes. Na França, seu mercado natal, as vendas do Carrefour subiram 0,9% em 2008, ficando em 37,968 bilhões. Na Europa, houve crescimento de 5,1% perante 2007, para 32,418 bilhões de Euros. No caso da América Latina, a empresa teve vendas de 10,505 bilhões de Euros, com elevação de 27,9%. O grupo irá propor pagar um dividendo de 1,08 Euro por ação em 2008, sem mudança em relação a 2007. O dividendo será pago em 7 de maio de 2009.

A Roche fechou acordo com Genentech para comprar todas as ações em circulação da empresa norte-americana de biotecnologia por 46,8 bilhões de dólares, ou 95 dólares por ação. Depois de uma batalha longa iniciada no ano passado, a Roche finalmente conseguiu um acordo para comprar os 44 % do grupo norte-americano que não possuía depois que o conselho da empresa recomendou aos acionistas a aceitarem a oferta melhorada em dinheiro da rival suíça. A aquisição marca o terceiro importante acordo no setor farmacêutico neste ano, após a Pfizer ter fechado a compra da Wyeth por 68 bilhões de dólares em janeiro e a Merck ter ofertado 41 bilhões de dólares pela Schering-Plough nesta semana. A compra da Roche, por valor cerca de 22 vezes maior do que as estimativas de ganhos da Genentech em 2010, é mais cara do que os acordos feitos pela Pfizer e a Merck & Co, refletindo o forte crescimento potencial dos medicamentos para tratamento de câncer da Genentech.

O Mitsubishi UFJ Financial Group, maior banco do Japão, vai levantar quase 1 bilhão de dólares com emissão de ações preferenciais na mais recente tentativa de apoiar sua base de capital debilitada pela queda dos mercados acionários. A instituição informou em comunicado que vai emitir 97,4 bilhões de ienes (1 bilhão de dólares) em ações, que não são conversíveis em papéis ordinários e terão

previsão de dividendo de menos de 5 %. A emissão colocará o total levantado pelo grupo desde o ano passado em cerca de 1,3 trilhão de ienes, o que inclui novas ações e empréstimos.

A BR Malls, que atua no segmento de shopping centers, encerrou o ano passado com prejuízo líquido de R\$ 30,4 milhões, o que representa uma queda de 56,7% em relação a 2007, quando a perda foi de R\$ 70,36 milhões. O forte crescimento da receita líquida foi o responsável pela melhoria no resultado que, no entanto, continuou no vermelho em razão dos efeitos da valorização do dólar sobre as despesas financeiras da companhia. No acumulado de 2008, a receita líquida da BR Malls somou R\$ 323,8 cifra que supera em 56,4% aquela verificada no exercício anterior. O crescimento no número de lojas que pagam aluguel para a empresa foi o grande motivador da alta na receita. No mesmo intervalo de comparação, os custos da companhia cresceram 13,8%, fechando o ano passado em R\$ 55,1 milhões. Já as despesas operacionais caíram 2,9%, para R\$ 51,4 milhões. O resultado financeiro, no entanto, piorou. Influenciado pelo dólar, ficou negativo em R\$ 135,7 milhões no ano passado, uma perda 30,8% maior do que a verificada em 2007. Também foram mais altos os gastos da BR Malls com amortizações e depreciações. Ainda assim, a companhia registrou um salto de 74,4% em sua geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de impostos, juros, amortizações e depreciações), que fechou 2008 em R\$ 245,1 milhões. A margem Ebitda, que mede a relação entre geração de caixa e receita líquida, passou de 67,9% para 75,7%. Se considerado apenas o quarto trimestre de 2008, a BR Malls amargou prejuízo de R\$ 4,6 milhões, contra uma perda de R\$ 38,2 milhões no mesmo intervalo do ano anterior.

A Bombardier anunciou que a alemã Lufthansa AG assinou um acordo firme para a compra de 30 CSeries modelo CS100 (anteriormente conhecido como C110). As aeronaves serão utilizadas pela Swiss Internacional Air Lines Ltd do Grupo Lufthansa. O acordo também prevê a opção de compra de mais 30 aviões CSeries

nos próximos anos. De acordo com os valores atuais, o contrato com as 30 aeronaves é de cerca de US\$ 1,53 bilhões. Em julho de 2008, a Lufthansa tornou-se a cliente pioneira de aviões da família CSeries ao assinar uma carta de intenção para a compra de até 60 aeronaves, incluídas aí as 30 ordens de compra. A Bombardier também anunciou o lançamento das novas designações para os jatos da família CSeries. O jato C110, com configuração para 110 assentos, passa a se chamar CS 100, e o antigo C130, com configuração para 130 assentos, será conhecido como CS 300.

Na sexta-feira, a Bovespa não acompanhou a retomada das compras no mercado externo e fechou em baixa de 0,35%, aos 39.015 pontos. O giro financeiro foi de R\$ 3,66 bilhões. A queda no dia, entretanto, não teve muito impacto sobre o ganho da semana, que ficou em 5,15%. Entre os ativos de maior peso na carteira, Petrobras PN subiu 0,54%, para R\$ 27,70; Vale PNA recuou 1,84%, a R\$ 26,60; BM&FBovespa ON diminuiu 0,58%, cotada a R\$ 6,75; Bradesco PN desvalorizou 0,73%, a R\$ 21,70; e Itaú PN ganhou 0,62%, para R\$ 24,00.

As principais bolsas da Ásia fecharam a semana em alta, impulsionadas pelo tom positivo apresentado por Wall Street na véspera e na expectativa de um novo pacote de estímulo na China. A bolsa de Tóquio teve a maior alta em três meses, de 5,1%. A bolsa de Hong Kong subiu 4,3%; Taiwan, 3%; Austrália, 3,4%. A exceção foi a bolsa de Xangai, que caiu 0,2%.

As bolsas de valores dos Estados Unidos tiveram sua melhor semana desde novembro, à medida que o Citigroup disse que não precisará de mais nenhuma ajuda do governo e uma corretora elevou a avaliação da Merck e elogiou o acordo da empresa para comprar uma rival. O índice Dow Jones, referência da bolsa de Nova York, subiu 0,75%, a 7.223 pontos. O termômetro de tecnologia Nasdaq teve leve alta de 0,38%, para 1.431 pontos. O índice Standard & Poor's 500

exibiu valorização de 0,77%, a 756 pontos. Um índice de bancos saltou 40% esta semana, depois de vários executivos sugerirem que o setor está se estabilizando.

As bolsas de valores da Europa fecharam o último pregão da semana sem rumo único, acompanhando as oscilações do mercado norte-americano. Alguns dos focos dos investidores na sessão foram os indicadores sobre a melhora da confiança do consumidor norte-americano, além das contas da balança comercial dos Estados Unidos, que mostrou um déficit abaixo das expectativas dos analistas. Outra notícia, que mexeu com o setor bancário da região, foi a perspectiva do Citigroup e do Bank of America de divulgar resultados positivos no primeiro trimestre deste ano. O índice londrino FTSE -100 encerrou as operações da sexta-feira com alta de 1,12%, aos 3.753,68 pontos. Em Paris, o CAC-40 avançou 0,42%, aos 2.705,63 pontos. No campo negativo, ficou o DAX, de Frankfurt, com queda de 0,07%, aos 3.953,60 pontos.

No plano corporativo aqui no Brasil, a Unipar anunciou que fechou o ano de 2008 com um prejuízo de R\$ 152,3 milhões, ante lucro líquido de R\$ 145 milhões registrados em 2007. A petroquímica comunicou que os resultados não podem ser comparados devido às mudanças contábeis da Lei das S/A e à reestruturação do seu portfólio de negócios.

A Lojas Americanas registrou um lucro líquido de R\$ 105,8 milhões no 4º trimestre de 2008, apontando uma alta de 40,7% frente ao resultado do mesmo período do ano anterior, cujo montante foi de R\$ 75,2 milhões. As ações PN da empresa figuraram entre as maiores altas do índice Bovespa nesta sexta-feira.

A Vulcabras-Azaléia vai dar férias coletivas a 1.580 colaboradores de suas fábricas localizadas na Bahia, Ceará e Sergipe. As três unidades empregam cerca de 25.500 pessoas. Na área industrial de Itapetinga, as férias coletivas começam na próxima segunda-feira e vão até 16 de abril. Segundo a empresa, a decisão foi

tomada devido ao acúmulo das importações ao longo de 2008 e no início de 2009 e dos níveis de estoques.

Também figurando entre as maiores altas do Ibovespa, estiveram os papéis ligados ao consumo, como as ações PN da Sadia e do Pão de Açúcar, que foram positivamente influenciados pelos dados do IBGE.

A Cosan informou que obteve um lucro líquido de R\$ 5,2 milhões no terceiro trimestre fiscal de 2009, terminado em janeiro. No ano anterior, a empresa havia registrado um prejuízo líquido de R\$ 71,4 milhões. Além disso, o grupo Cosan confirmou a incorporação da NovAmérica Agroenergia através de uma operação de troca de ações entre a Cosan e a holding Rezende Barbosa. Com a aquisição, o grupo reforça a sua posição de maior produtor de açúcar e álcool do mundo.

Segundo um periódico australiano, a Vale realizou nova aproximação no setor exploratório de urânio na Austrália ao adquirir 80% do projeto West Arnhem Land. Assim, a mineradora fornecerá US\$ 1 milhão para a exploração do artigo no próximo biênio, caso duas de quatro licenças de exploração sejam garantidas. Em contrapartida, a companhia poderá receber 70% do lucro líquido obtido com o processo.

A forte queda das exportações a partir de dezembro passado levou a Doux Frangosul a anunciar mais um período de férias para parte de seus funcionários no Rio Grande do Sul. Desta vez serão atingidos 1,1 mil dos 2,3 mil empregados de Passo Fundo, a 290 quilômetros de Porto Alegre, que ficarão parados do dia 23 deste mês até 5 de abril. Outras empresas no Estado, como Perdigão, Sadia e Minuano, já promoveram paradas técnicas, férias ou demissões para reduzir a produção no início do ano. A planta da Doux em Passo Fundo produz 650 toneladas de carne de frango/dia, 90% para o exterior.

No plano corporativo internacional, a Diagnósticos da América (Dasa) apresentou prejuízo líquido de R\$ 13 milhões em 2008. A perda contrasta com um ganho de R\$ 56,6 milhões registrado em de 2007. Segundo a companhia, o resultado negativo reflete despesas financeiras maiores decorrentes de novas captações e maior depreciação e amortização de ágio. Operacionalmente a companhia foi bem: a Dasa apresentou crescimento em todas as linhas de serviço e mercados em que atua. Com isso, a receita bruta em 2008 atingiu R\$ 1,237 bilhão, elevação de 33% sobre um ano antes. E a receita líquida cresceu 32%, somando R\$ 1,13 bilhão. O custo do serviço prestado totalizou R\$ 780 milhões, um avanço de 33% em relação aos R\$ 584 milhões observados em igual período do ano passado. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização, na sigla em inglês) teve alta de 36,7% em 2008, somando R\$ 245 milhões, com margem de 21,6%. Impedindo um melhor desempenho, as despesas financeiras mais que dobraram, passando de R\$ 63,7 milhões em 2007 para R\$ 144 milhões no ano passado enquanto as receitas financeiras subiram de R\$ 41,2 milhões para R\$ 60,4 milhões. Os gastos com amortização de ágio situaram-se em R\$ 73 milhões, montante 37% maior que os R\$ 53 milhões desembolsados em 2007. A dívida líquida da companhia somava R\$ 541,7 milhões em 2008. Do total, 81,6% estão alocados no longo prazo e cerca de 60,7% são relativos a dívidas tomadas em moeda estrangeira.

Refletindo a queda da demanda mundial por combustíveis, a empresa de refino de petróleo Sunoco anunciou na sexta-feira que vai cortar 750 postos de trabalho como medida de corte de custos diante da crise. A companhia norte-americana justifica que seus negócios estão sendo afetados pela retração econômica. O corte de 20% do quadro de funcionários da empresa inclui um programa de reestruturação de custos que visa à economia de US\$ 300 milhões neste ano. A empresa prevê que deve assumir despesas de US\$ 35 milhões a US\$ 40 milhões no primeiro trimestre.

A Nacco, empresa norte-americana de máquinas e equipamentos, anunciou uma piora dos resultados, devido, principalmente, à deterioração da economia global. No quarto trimestre do ano passado, a Nacco acumulou um prejuízo líquido de US\$ 428,2 milhões, sendo que no mesmo período do ano anterior, teve um lucro de US\$ 51,9 milhões. Na mesma base de comparação, a receita ficou em US\$ 949,4 milhões, valor 13% menor do que o US\$ 1,1 bilhão verificado em 2007. No acumulado do ano de 2008, a receita da companhia ficou em US\$ 3,7 bilhões, um pouco maior do que os US\$ 3,6 bilhões registrados em 2007. O lucro ajustado, que exclui os custos com depreciação de ativos, ficou em US\$ 23,8 milhões, muito abaixo do lucro líquido de US\$ 90,4 milhões do ano anterior.

A Toyota vai suspender produção na Rússia entre 30 de março e 6 de abril, informou a montadora na sexta-feira, no mais recente corte produtivo provocado pela demanda global em queda. A fábrica da companhia no país, aberta em 2007 para produzir 20 mil unidades do sedã Camry por ano e que custou 5 bilhões de rublos (141,7 milhões de dólares) para ser construída, será fechada por causa da prolongada e difícil situação econômica do mercado.

## IBOVESPA - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)
Lojas Americanas PN	6,71	24,03
All Amer.Lat. Unit	9,12	13,29
Lojas Renner ON	15,44	11,48
Embraer ON	6,71	11,47
B2W Varejo ON	22,00	11,11
Itausa PN	7,46	10,91
NET PN	16,54	10,63
Perdigao ON	29,81	10,41
Braskem PNA	4,86	10,20
BMF Bovespa ON	6,75	9,76

Baixas	Preço	(%)
Gol PN	8,45	-5,48
Transm. Paulista PN	43,82	-2,40
Gafisa ON	8,69	-1,81
Eletropaulo PNB	30,60	-1,29
Light S.A. ON	24,63	-1,24
Tim Part. S.A. ON	5,98	-1,16
Ultrapar PN	56,90	-0,78
Vcp PN	9,40	-0,73

## Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)
Telemig Part. PN	46,40	38,27
Vivo PN	36,35	30,76
Petrobras ON	34,40	25,13
NET PN	16,54	24,57
Tim Part. S.A. ON	5,98	21,79
Petrobras PN	27,70	21,27
Eletropaulo PNB	30,60	20,01
Bradespar Pn	22,23	15,90
Natura ON	21,11	15,01
Souza Cruz ON	50,66	14,88

Baixas	Preço	(%)
Vcp PN	9,40	-47,57
Aracruz PNB	1,40	-43,78
Sadia S.A. PN	2,79	-25,60
Embraer ON	6,71	-23,83
Gerdau Met. PN	15,30	-23,56
Gerdau PN	11,67	-22,25
Cyrela Realt ON	7,25	-21,19
Tam S.A. PN	15,17	-20,54
Klabin S.A. PN	2,73	-17,52
Gafisa ON	8,69	-17,16

## **Fatos econômicos da semana seguinte**

<b>SEGUNDA-FEIRA 16/03</b>
FGV: IGP-10 (mar)
FGV: IPC-S (2ª quadrissemana de mar)
Bacen: Pesquisa Focus (semanal)
Secex: Balança comercial (2ª semana de mar)
EUA: Empire Manufacturing (mar)
EUA: Produção Industrial (fev)
EUA: Utilização da Capacidade Instalada (fev)
EUA: Dados de Construção de Casas (NAHB) (mar)
Zona do Euro: Índice de Preços ao Consumidor (CPI) (fev)
Zona do Euro: Triche discursa em Frankfurt
<b>TERÇA-FEIRA 17/03</b>
FIPE: IPC - Fipe (2a quadrissemana - mar)
EUA: Índice de Preços ao Produtor (PPI) (fev)
EUA: Índice de Preços ao Produtor (PPI) exceto energia e alimentação (fev)
EUA: Construção de Novas Residências (fev)
EUA: Permissão de Novas Construções (fev)
Zona do Euro: Tricet discursa em Paris
Zona do Euro: Levantamento ZEW (mar)
<b>QUARTA-FEIRA 18/03</b>
Bacen: Fluxo Cambial (semanal)
CAGED: Emprego formal (fev)
EUA: Dados do Setor Hipotecário (semanal)
EUA: Balanço de conta corrente (4º trim./08)
EUA: CPI (fev)
EUA: CPI exceto alimentação e energia (fev)
EUA: Estoques de Petróleo (semanal)
EUA: FOMC - Decisão de Juros
Japão: Anúncio de taxa de juros (BoJ).
Reino Unido: Taxa de desemprego ILO (jan)
Reino Unido: Divulgação da ata do BoE

Japão: Divulgação do relatório mensal do BoJ
<b>QUINTA-FEIRA 19/03</b>
FGV: IGP-M (2a prévia - mar)
Bacen: Ata do Copom
FUNCEX: Índices de Preço e Quantum (fev)
EUA: Pedidos iniciais de auxílio desemprego (semana 14/mar)
EUA: Indicadores Antecedentes (fev)
EUA: Fed de Filadélfia (mar)
<b>SEXTA-FEIRA 20/03</b>
Receita Federal: Arrecadação de impostos e contribuições federais (fev)
EUA: Bernanke discursa em Phoenix.
Zona do Euro: Produção industrial (jan)
Alemanha: Índice de preços ao Produtor (PPI) (fev)

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

[yann.alves@grupofundamentum.com.br](mailto:yann.alves@grupofundamentum.com.br)

## TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para [yann.alves@grupofundamentum.com.br](mailto:yann.alves@grupofundamentum.com.br). Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.